

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem

FERNANDA MARQUES RESENDE

**CARACTERÍSTICAS NARCÍSICAS DA PERSONALIDADE E O USO DE
INTERNET ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS**

BAURU – SP
2019

FERNANDA MARQUES RESENDE

CARACTERÍSTICAS NARCÍSICAS DA PERSONALIDADE E O USO DE
INTERNET ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do título de Mestre à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, linha de pesquisa “Desenvolvimento: Comportamento e Saúde”, sob a orientação do Prof. Dr. Érico Bruno Viana Campos.

BAURU – SP

2019

R433c Resende, Fernanda Marques
Características narcísicas da personalidade e o
uso de internet entre estudantes universitários /
Fernanda Marques Resende. -- Bauru, 2019
94 f. : il., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual
Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências, Bauru
Orientador: Érico Bruno Viana Campos

1. Uso de internet. 2. Características
narcísicas da personalidade. 3. Estudantes
universitários. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp.
Biblioteca da Faculdade de Ciências, Bauru. Dados fornecidos pelo
autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

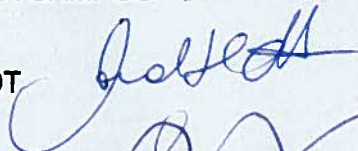
ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE FERNANDA MARQUES RESENDE, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 18 dias do mês de fevereiro do ano de 2019, às 09:00 horas, no(a) Anfiteatro da Pós-graduação da Faculdade de Ciências (Unesp/Câmpus de Bauru), reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. ERICO BRUNO VIANA CAMPOS - Orientador(a) do(a) Departamento de Psicologia / UNESP-FC/Bauru, Profa. Dra. ANDRÉIA SCHMIDT do(a) Departamento de Psicologia / Universidade de São Paulo - USP Ribeirão Preto, Prof. Dr. SANDRO CARAMASCHI do(a) Departamento de Psicologia / Faculdade de Ciências - UNESP/Bauru, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de FERNANDA MARQUES RESENDE, intitulada **CARACTERÍSTICAS NARCÍSICAS DA PERSONALIDADE E O USO DE INTERNET ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS**. Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADO . Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Prof. Dr. ERICO BRUNO VIANA CAMPOS



Profa. Dra. ANDRÉIA SCHMIDT



Prof. Dr. SANDRO CARAMASCHI



RESENDE, F. M. **Características narcísicas da personalidade e o uso de internet entre estudantes universitários**. 2019. 94 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências, Bauru, 2019.

RESUMO

O desenvolvimento de novas tecnologias, especialmente da internet, é uma característica marcante da sociedade pós-moderna. Além disso, o narcisismo também se mostra como uma característica social importante, refletindo os ideais individualistas incentivados pela mídia. Entretanto, percebe-se uma escassez de estudos nacionais que se propõem a relacionar o uso de internet e características narcísicas da personalidade. Com isso, o presente estudo teve como objetivo investigar o uso de internet e características narcísicas da personalidade em estudantes universitários, além de verificar a existência de uma possível correlação entre tais aspectos. Trata-se de uma pesquisa descritiva, de natureza quantitativa. A pesquisa foi conduzida em uma universidade pública do interior paulista. Participaram do estudo 106 estudantes universitários matriculados no primeiro ou segundo anos dos diversos cursos de graduação, com idade média de 20,41 anos. Foram utilizados os instrumentos: Questionário Sociodemográfico, Teste de Dependência de Internet (*Internet Addiction Test*, IAT) e o Inventário de Personalidade Narcisista (*Narcissistic Personality Inventory*, NPI-16). Os dados foram analisados de forma quantitativa e submetidos à análise estatística descritiva e inferencial. Como resultado, foi confirmado o grande uso de internet entre os jovens universitários, especialmente das redes sociais e aplicativos de troca de mensagens. Porém, foram encontradas pontuações médias consideradas baixas tanto no IAT quanto no NPI, o que não qualifica os estudantes como dependentes nem como narcísicos. Além disso, depois de realizado o teste ρ de Spearman, concluiu-se que não há correlação entre os valores obtidos nestas duas escalas. Portanto, o uso de internet e as características narcísicas da personalidade revelam não estarem relacionados neste estudo. Foram realizadas também comparações entre

diferentes grupos, segundo o sexo dos participantes e segundo a área do curso. Não foram encontradas diferenças significativas entre as distribuições de homens e mulheres nem entre estudantes de humanas, biológicas e exatas. O presente estudo chegou à conclusão de que a relação entre uso de internet e narcisismo não se confirma tão facilmente como se espera pelo senso comum.

Palavras-chave: Uso de internet; Características narcísicas da personalidade; Estudantes universitários.

RESENDE, F. M. **Narcissistic personality characteristics and the use of internet among university students**. 2019. 94 f. Dissertation (Master in Psychology) – São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Bauru, 2019.

ABSTRACT

The development of new technologies, especially the internet, is a hallmark of postmodern society. In addition, narcissism also shows itself as an important social feature, reflecting the individualistic ideals encouraged by the media. However, there is a shortage of Brazilian studies that propose to relate the use of internet and narcissistic characteristics of the personality. Thus, the present study aimed to investigate the use of internet and narcissistic characteristics of personality in university students, in addition to verifying the existence of a possible correlation between such aspects. It is a descriptive research, with a quantitative nature. The research was conducted at a public university in the interior of São Paulo. A total of 106 university students enrolled in the first or second year of the various undergraduate courses, with a mean age of 20.41 years, participated in the study. The instruments were: Sociodemographic Questionnaire, Internet Addiction Test (IAT) and Narcissistic Personality Inventory (NPI-16). Data were analyzed quantitatively and submitted to descriptive and inferential statistical analysis. As a result, the great use of the internet among young university students, especially social networks and messaging applications, was confirmed. However, mean scores considered low in both IAT and NPI were found, which does not qualify students as either dependent or narcissistic. Moreover, after the Spearman's ρ test, it was concluded that there is no correlation between the values obtained in these two scales. Therefore, the use of the internet and the narcissistic characteristics of the personality reveal not to be related in this study. Comparisons were also made between different groups, according to the sex of the participants and according to the area of the course. No significant differences were found between the distributions of men and women nor between students of human, biological and

exact. The present study came to the conclusion that the relationship between internet use and narcissism is not as readily confirmed as expected by common sense.

Keywords: Internet use; Narcissistic personality characteristics; University students.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fluxograma PRISMA.....	26
Figura 2 - Histograma das pontuações obtidas pelos participantes no IAT.....	62
Figura 3 - Histograma das pontuações obtidas pelos participantes no NPI.....	63
Figura 4 - Diagrama Q-Q normal dos escores obtidos no IAT.....	65
Figura 5 - Diagrama Q-Q normal dos escores obtidos no NPI.....	66
Figura 6 - Diagrama de caixa e bigodes dos escores no IAT dos grupos da categoria sexo.....	68
Figura 7 - Diagrama de caixa e bigodes dos escores no NPI dos grupos da categoria sexo.....	69
Figura 8 - Diagrama de caixa e bigodes dos escores no IAT dos grupos da categoria área do curso.....	69
Figura 9 - Diagrama de caixa e bigodes dos escores no NPI dos grupos da categoria área do curso.....	70

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Artigos selecionados na revisão.....	27
Tabela 2 - Caracterização dos artigos selecionados quanto à abordagem teórico-metodológica.....	29
Tabela 3 - Dados sociodemográficos dos participantes.....	59
Tabela 4 - Dados sobre hábitos da rotina dos participantes.....	61
Tabela 5 - Classificações obtidas pelos participantes no IAT.....	62

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 USO DE INTERNET.....	19
2.1 Dependência de internet (DI).....	20
2.2 DI como diagnóstico clínico.....	22
2.3 Revisão sistemática de literatura nacional sobre DI.....	25
<u>2.3.1 Método.....</u>	<u>25</u>
<u>2.3.2 Resultados.....</u>	<u>27</u>
<u>2.3.3 Discussão.....</u>	<u>38</u>
<u>2.3.4 Conclusão.....</u>	<u>39</u>
3 NARCISISMO.....	41
3.1 Origem e definições.....	41
3.2 Narcisismo nas psicopatologias.....	46
3.3 A cultura do narcisismo.....	47
3.4 Narcisismo como diagnóstico clínico.....	49
3.5 Como medir o narcisismo?.....	50
4 OBJETIVOS.....	53
4.1 Objetivo geral.....	53
4.2 Objetivos específicos.....	53
5 MÉTODO.....	54

5.1 Delineamento	54
5.2 Local	54
5.3 Participantes	54
5.4 Instrumentos	54
5.4.1 <u>Questionário Sociodemográfico</u>	55
5.4.2 <u>Teste de Dependência de Internet (IAT)</u>	55
5.4.3 <u>Inventário de Personalidade Narcisista (NPI)</u>	56
5.5 Procedimentos	57
5.5.1 <u>Procedimento de coleta de dados</u>	57
5.5.2 <u>Procedimento de análise de dados</u>	58
 6 RESULTADOS	 59
6.1 Apresentação dos dados	59
6.2 Análise estatística dos dados	64
6.2.1 <u>Teste de normalidade</u>	64
6.2.2 <u>Teste de correlação</u>	66
6.2.3 <u>Comparações entre os grupos</u>	67
 7 DISCUSSÃO	 71
 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 79
 REFERÊNCIAS	 81
ANEXOS	85
Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	85

APÊNDICES.....	87
Apêndice A – Questionário Sociodemográfico.....	87
Apêndice B – Teste de Dependência de Internet (IAT).....	90
Apêndice C – Inventário de Personalidade Narcisista (NPI).....	93

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como foco o estudo de duas grandes influências moduladoras da sociedade e subjetividade contemporâneas: a internet e o narcisismo; além de investigar uma possível relação entre ambas. A tecnologia e a cultura do narcisismo estão bastante presentes na época contemporânea. Neste estudo, considera-se contemporaneidade como pós-modernidade ou “hipermodernidade”, termo utilizado por Lasch (1979/1983) para se referir às últimas décadas do século XX e ao século XXI. Vive-se em um mundo líquido e globalizado, em que os fluxos tecnológicos contínuos levam o indivíduo a formas de propriedade de si ilimitadas, afetando as maneiras de ser, de viver e de pensar os modos de representação de si e do outro (HAROCHE, 2015).

Segundo Haroche (2015), as condições contemporâneas da vida mental se prendem à tecnologia, à velocidade e à aceleração, induzindo uma ausência de reflexão ligada à rapidez, à instantaneidade, à imediaticidade. O advento de uma atividade constante e dispersa provoca a fragmentação, o fracionamento do eu. A diluição dos limites entre o real e o virtual e a onipresença dos fluxos informacionais dos meios de comunicação produzem um sentimento de instabilidade, de permanente mudança, causando uma intensificação da incerteza – quanto a si mesmo e quanto ao outro.

Anteriormente, os indivíduos eram vistos através de mediações em sua dimensão corporal, física, concreta; as quais eram perpassadas por códigos de civilidades, maneiras aprendidas e transmitidas pela tradição, educação e pela prática da vida. Já nos dias atuais, os indivíduos são vistos através de telas (HAROCHE, 2015). A ilimitação no espaço e no tempo pode gerar mecanismos perniciosos, podendo acarretar a barbárie ligada à incapacidade de representação do outro. Para Haroche (2015), a contemporaneidade está marcada pela ilimitação do virtual, pela tecnologia e pelo narcisismo.

A subjetividade do sujeito contemporâneo é influenciada por essa nova realidade. O espaço privado já não se diferencia tanto do espaço público: as pessoas expõem sua intimidade nas redes, publicam informações, opiniões e fotos pessoais, a fim de criar um espetáculo de si mesmas e buscar o olhar e a aprovação do outro (KALLAS, 2016). O uso da internet parece ser extremamente narcísico: o acesso imediato a infinitas possibilidades de navegação permite com que o mundo fique à espera de um simples clique. A obtenção de gratificações instantâneas para impulsos sexuais, jogos, curiosidades intelectuais, comunicação, consumo, dentre inúmeros outros, torna a internet irresistível (KALLAS, 2016). Sendo assim, a internet mostra-se, essencialmente, a maior ferramenta atual a serviço do eu. Além disso, segundo Kallas (2016), as pessoas buscam cada vez mais estarem *online* e visíveis a todos, durante todo o tempo possível. Atualmente, para tornar-se sujeito, é preciso que alguém o esteja vendo e admirando.

Barbosa (2013) enfatiza o uso crescente de dispositivos com acesso à internet e chama a atenção para os compartilhamentos, chegando à máxima “Compartilho, logo existo”. A virtualização da comunicação e das interações permite recriar a própria vida, agora virtual, e “maquiá-la” conforme o indivíduo quer ser visto pelo outro. Enfim, a utilização da internet como “acompanhante”, como olhos e ouvidos sempre atentos, é não só um imperativo narcísico para existir, mas também uma tentativa de lidar com a solidão, o desamparo e o mal-estar que são sintomáticos na sociedade contemporânea.

Tanto o uso de internet quanto o narcisismo têm sido objetos de estudo de pesquisadores no mundo todo. Porém, percebe-se uma escassez de estudos nacionais que se propõem a relacionar tais temas. Além disso, na literatura brasileira, dentre os estudos que abordam ambos os assuntos, foram encontrados somente estudos teóricos (ensaios teóricos e revisões). Geralmente, são feitas análises sobre a subjetividade dos sujeitos no contexto

contemporâneo repleto de tecnologias digitais e meios de comunicação instantâneos, como as redes sociais.

Oliveira (2015) realizou um estudo teórico em que faz uma reflexão sobre os famosos *selfies* (fotografias de autorretrato) e sua relação com o arquétipo de Narciso. Nesse estudo, o narcisismo é analisado não sob uma ótica clínica e individual, mas sim, antropológica, enquanto recorte cultural. Tratam-se dos “narcisistas sociais”, os quais estão imersos nos espaços de visibilidade contemporânea (por exemplo, as redes sociais) que servem como cenário para encenações e projeções de autoimagens idealizadas. A imagem refletida se desloca do lago às telas de *smarthphones*, *tablets*, computadores e televisores diversos. Já não existe apenas um Narciso: nesse universo de infinitos olhares da internet, todos somos objetos de admiração e devoção. E, com o foco em construir autoimagens perfeitas, as pessoas passam a deixar de lado o cuidado e o aprimoramento do *self*. É com essa ideia que Oliveira (2015) finaliza sua discussão, ressaltando um mal-estar atual preocupante: o sentimento de inadequação das máscaras virtuais às demandas internas da subjetividade.

Já o estudo de Rosa e Santos (2015) trata-se de uma revisão de literatura especializada sobre as repercussões das redes sociais na produção subjetiva de seus usuários. Foram encontrados artigos das seguintes áreas: comunicação social, antropologia, sociologia, psicologia e educação. Entre os temas relacionados à temática, aqueles localizados com maior facilidade foram: consumo, identidade e grupos. A internet permitiu, de fato, uma ampliação do universo intersubjetivo, e com isso, a formação de grupos e comunidades. Esta é percebida de duas maneiras opostas: tanto como fator de união, inserção social e participação na vida pública; como fator de exclusão e discriminação – o chamado *cyberbullying*. Outro tema é a estetização de si mesmo, a criação de um eu digital. Tal exposição nas redes é um modo de experimentar novas formas de ser, em que também há um antagonismo. Por um lado, o entrecruzamento das expressões do *self* revela a influência alienante do mercado e do

consumo e, por outro lado, destaca aspectos relevantes para a produção de sentidos na contemporaneidade. Os autores defendem a ideia de que tais correntes são divergentes e, ao mesmo tempo, complementares; chegando à conclusão de que o outro passa a ter um papel importante de legitimador do que é postado *online*. Os usuários, imersos em um ambiente guiado pelo mercado, e com suposta liberdade para se expressar, estariam sujeitos ao crivo de outros usuários e de demandas culturais. Esta busca por legitimação é um aspecto ambíguo, em que a pessoa pode estar envolvida tanto numa relação com o outro quanto numa relação apenas consigo mesma. Além disso, é apontada no estudo a existência de um sentimento de dilaceramento resultante da situação paradoxal entre o que o indivíduo é e o que deseja ser; e do sentimento de despedaçamento devido à fragmentação de inúmeras representações que independem dos critérios de tempo e espaço. Por fim, faz-se um questionamento se todas essas repercussões seriam somente uma intensificação do que já havia antes na vida real.

Estes mesmos autores realizaram um ensaio teórico com a mesma temática da revisão de literatura, agora com ênfase na cultura do narcisismo, elencada por Lasch (1983, citado por ROSA & SANTOS, 2015), e na crítica à felicidade - tal como um imperativo categórico - desenvolvida por Benasayag e Charlton (1989/1992, citados por ROSA & SANTOS, 2015). Ressalta-se a mesma divisão de pensamentos comentada no estudo anterior a respeito da cibercultura, em que otimistas e cétricos descrevem-na destacando seus aspectos positivos ou negativos. Especialmente as redes sociais são vistas ora como fontes de incremento da criatividade, do bem-estar e da autonomia subjetiva dos usuários, ora como propagadoras da cultura do prazer hedonista-consumista e da cultura narcisista-individualista. Tal debate é encerrado com uma abertura à possibilidade de elaboração psíquica nas redes sociais, uma vez que estas são lugares que podem oferecer suporte para a elaboração de lutos, dificuldades pessoais e situações difíceis pelo simples fato de permitir a expressão em palavras, vídeos e imagens.

De forma geral, os estudos realizados no Brasil que investigam tanto o uso de internet quanto o narcisismo tratam-se de pesquisas teóricas. A proposta do presente estudo é investigar esses dois grandes fenômenos a partir de uma pesquisa de campo, de natureza quantitativa; o que, similarmente, já tem sido realizado em outros países, principalmente nos últimos dez anos.

Muitos estudos internacionais decidiram por investigar a relação entre o narcisismo e o *Facebook*, uma das redes sociais mais utilizadas na internet. Nos Estados Unidos, Buffardi e Campbell (2008) encontraram uma correlação positiva entre características narcísicas de estudantes universitários e a quantidade de interações sociais no *Facebook* (soma do número de amigos e o número de postagens); porém não houve correlação entre características narcísicas e a quantidade de informações sobre si mesmo (seção “Sobre Mim”), como se imaginava haver também.

Na Austrália, o tão conhecido estudo de Ryan e Xenos (2011) revelou que usuários do *Facebook* tendem a ser mais narcisistas, mais extrovertidos e menos solitários que os não-usuários. Além disso, a respeito dos participantes usuários, a frequência de uso e a preferência por atividades específicas do *Facebook* não estavam relacionadas com certas características como depressão, solidão, timidez e narcisismo.

Semelhantemente, no Canadá, usuários frequentes do *Facebook* foram comparados com não-usuários quanto a características sociais e de personalidade, incluindo o narcisismo (LJEPAVA, ORR, LOCKE & ROSS, 2013). Concluiu-se que os usuários da rede tinham mais características narcísicas e maior facilidade em se expor socialmente do que os não-usuários, além de terem relatado possuir mais amizades próximas.

Pesquisadores alemães realizaram um estudo a fim de verificar se a atividade excessiva de atualização do *status* no *Facebook* é motivada por narcisismo (DETERS, MEHL

& EID, 2014). Porém, surpreendentemente, os dados coletados revelaram não haver correlação entre as características narcísicas e o número de postagens dos participantes.

No Paquistão, foi investigada a relação entre características narcísicas, autoestima e dependência do *Facebook*. Esta foi medida por uma escala chamada *Bergen Facebook Addiction Scale* (BFAS) (ANDREASSEN et al., 2012, citados por MALIK & KHAN, 2015). Como resultado, a dependência do *Facebook* foi positivamente correlacionada com o narcisismo e negativamente correlacionada com a autoestima. Além disso, não foram encontradas diferenças significativas nas três variáveis com relação ao gênero dos participantes.

Por fim, em um estudo realizado na Turquia, foi investigado o “uso problemático da internet”, medido pelo questionário *Problematic Internet Use Scale* (CEYHAN et al., 2007, citados por ODACI & ÇELIK, 2013), a fim de verificar correlações com outras características dos participantes. Foi relevado que o uso problemático de internet estava relacionado à agressividade e à timidez, mas não à solidão, autopercepção e narcisismo.

Em suma, tais pesquisas correlacionais são alguns exemplos de como têm sido estudados o uso da internet e características afetivas ou da personalidade, trazendo resultados bastante diversos. O presente estudo pretende contribuir para um melhor entendimento acerca desses temas dentro do contexto brasileiro.

2 USO DE INTERNET

A sociedade em que vivemos passa por diversas transformações socioculturais, políticas e econômicas a cada dia, estando em constante mudança e exigindo novas formas de ser e estar no mundo. O desenvolvimento das tecnologias é uma das características mais relevantes dessa nova realidade. A internet e as redes virtuais se tornaram grandes vitrines que mostram as mudanças sociais vivenciadas especialmente nas últimas décadas.

O IBGE realizou algumas pesquisas a respeito da utilização de internet no Brasil nos anos de 2005, 2008, 2011, 2013, 2014 e 2015 em que foram encontrados índices cada vez maiores, com seu ápice em 2015. Nesse ano investigou-se o uso de internet por meio de diversos equipamentos (microcomputador, telefone móvel celular, *tablet* e outros) e estimou-se em 102,1 milhões (57,5% da população) o contingente de pessoas de 10 anos ou mais de idade que utilizaram a internet, pelo menos uma vez, no período de referência dos últimos três meses (últimos 90 dias que antecederam ao dia da entrevista). Houve expansão da utilização de internet em todas as regiões do país. A região Sudeste registrou o maior percentual de utilização de internet nos últimos 3 meses com 65,1%, seguida da região Centro-Oeste com 64,0% e da região Sul com 61,1% da população. Nas regiões Norte e Nordeste, os percentuais foram de 46,2% e 45,1% respectivamente (BRASIL, 2015).

Além disso, os dados mostraram que, no país como um todo, 56,8% dos homens utilizaram a internet nos últimos 3 meses, enquanto tal índice foi de 58,0% para as mulheres, não havendo diferença significativa entre os percentuais. Já a distribuição etária mostrou que os jovens de 18 ou 19 anos obtiveram o maior percentual de utilização de internet (82,9%), seguidos pelo grupo de jovens de 15 a 17 anos (82,0%) e o grupo de 20 a 24 anos (80,7%), com os percentuais diminuindo com o aumento da idade (BRASIL, 2015). Percebe-se então

que os jovens brasileiros encontram-se mais inseridos na vida digital do que as demais faixas etárias.

O uso de internet também foi verificado conforme os anos de estudo da população brasileira. Foram obtidas proporções crescentes entre as pessoas mais escolarizadas. Aquelas com até 7 anos de estudo atingiram um percentual inferior ao total nacional (57,5% mencionado anteriormente). Já as pessoas com 8 anos ou mais de estudo atingiram pelo menos 65,2%. Observou-se o maior percentual no grupo com 15 anos ou mais de estudo, sendo 92,3%. Com relação ao nível de instrução, observou-se que a utilização de internet aumenta até o nível superior incompleto, alcançando o percentual máximo de 94,7%, e decai a partir daí, sendo 92,8% o percentual no grupo das pessoas com nível superior completo. Também foi verificado que, em 2015, dos 102,1 milhões de usuários de internet, 28,4% (29,0 milhões) eram estudantes. O percentual de pessoas que utilizaram a internet foi maior entre os estudantes (79,8%) do que entre os não estudantes (51,7%). Quanto à rede de ensino, observou-se um índice de 97,3% (9,0 milhões) na rede privada, enquanto na rede pública, 73,7% (19,9 milhões) utilizavam a internet (BRASIL, 2015).

2.1 Dependência de internet (DI)

Sabe-se que o uso da internet pode se tornar patológico. A dependência de internet (DI) é relativamente nova e vem se mostrando comum, embora os estudos científicos sobre o tema ainda estejam em desenvolvimento. O primeiro estudo sobre adicção à internet foi realizado pela pesquisadora americana Young (1998). A autora investigou a existência da adicção à internet e compara tal comportamento com o jogo patológico, um dos tipos de transtorno do controle dos impulsos diagnosticado pelo DSM-IV (ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA, 1994), por ser também um comportamento mal-

adaptativo, recorrente e persistente, que não envolve uso de substância. Assim, Young (1998) construiu um questionário com 8 questões baseado nos critérios diagnósticos do jogo patológico, a fim de identificar a adicção à internet. O *Internet Addiction Diagnostic Questionnaire* (IADQ), portanto, foi a primeira medida de avaliação desenvolvida para este fim. As questões tinham como opção de resposta “sim” ou “não”; as pessoas que respondessem “sim” a 5 ou mais questões eram consideradas dependentes de internet, e o restante como não dependente. Ao todo, 496 pessoas participaram do estudo (via internet ou telefone), das quais 396 foram classificadas como dependentes e 100 não dependentes. Posteriormente, o instrumento foi aprimorado por Young (1998) e denominado *Internet Addiction Test* (IAT). O mesmo foi validado pela primeira vez por Widyanto e McMurren (2004), nos Estados Unidos.

Com isso, novos estudos em diferentes culturas e disciplinas acadêmicas buscaram compreender esse novo fenômeno clínico e social, seus fatores de risco psicossociais, o manejo dos sintomas e seu tratamento. Segundo Young (2011), a dependência de internet foi identificada como um problema nacional não só nos Estados Unidos, mas também na China, Coreia do Sul e Taiwan, o que aumentou a intervenção governamental no combate à dependência de internet, esta se tornando uma séria preocupação de saúde pública. Principalmente nas últimas décadas, a dependência de internet passou a ser considerada um transtorno clínico legítimo, que causa problemas psicológicos e sociais significativos, e que frequentemente exige tratamento. Porém, o número de centros de recuperação que oferecem atendimento para essa condição ainda é reduzido e para que haja programas efetivos, precisam-se aumentar os estudos na área.

Apesar de as pesquisas revelarem que se trata de um problema crescente de atendimento de saúde, o seu entendimento científico ainda está em evolução. Não há uma compreensão satisfatória sobre os motivos pelos quais as pessoas se tornam dependentes de

internet. O diagnóstico da dependência de internet é complexo. Dada a popularidade do uso de computadores, pode ser difícil detectar o uso excessivo. Uma maneira de compreender tal fenômeno, proposta por Young (2011), é através dos fatores situacionais. Nessa perspectiva, a pessoa dependente de internet tende a usá-la como um “cobertor” de segurança, para evitar uma situação de infelicidade, como insatisfação conjugal ou profissional, doença médica, luto, outras dependências e compulsões (como álcool, drogas, jogos de azar ou sexo), desemprego ou instabilidade acadêmica. Assim, a internet torna-se uma fuga psicológica que distrai o usuário de uma situação difícil da vida real. Ressalta-se que nem todas as pessoas que usam a internet como fuga momentânea ou meio de controlar o estresse situacional se tornam dependentes, uma vez que seu comportamento pode ser temporário e desaparecer com o tempo. Mas há casos em que o comportamento passa a ser persistente e constante, e o uso, exagerado. Na medida em que o comportamento se intensifica e o uso da internet se torna crônico e arraigado, transforma-se numa obsessão compulsiva, e a pessoa fica incapaz de manejar sua vida, prejudicando relacionamentos e/ou atividades profissionais, alimentando um ciclo.

Em suma, o mundo virtual vem ganhando espaço e importância na vida das pessoas, especialmente dos jovens. Segundo Young (2004), estudantes universitários são a população que corre maior risco de desenvolver dependência de internet, pois o uso do computador é incentivado, os dormitórios têm conexão e os aparelhos móveis com conexão estão muito acessíveis.

2.2 DI como diagnóstico clínico

A maneira mais utilizada para se identificar o uso compulsivo de internet é compará-lo com critérios de outros transtornos aditivos já estabelecidos, os quais vêm sendo

vinculados ao uso de ferramentas de comunicação. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, DSM-5), da Associação Americana de Psiquiatria (2014), trata-se de um guia prático, que contém a classificação de transtornos mentais e critérios associados, elaborado para diversos objetivos: facilitar o diagnóstico preciso e o tratamento de tais transtornos na prática clínica, auxiliar a formação de estudantes e profissionais, além de ser uma referência para pesquisadores da área da saúde mental. O manual está harmonizado com a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID-10), da Organização Mundial da Saúde, apresentando junto às denominações diagnósticas as codificações alfanuméricas da mesma. Já a CID-10 visa a classificar sinais, sintomas, queixas, circunstâncias sociais e causas externas para ferimentos e doenças, a cada qual é atribuído um código. Os transtornos mentais e comportamentais se encontram no capítulo V, correspondendo aos códigos F00 a F99.

Atualmente, o Transtorno do Jogo, referenciado no DSM-5 (ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA, 2014), é considerado o mais aproximado com a dependência de internet. Na CID-10, este transtorno é referenciado pelo código F63.0. Trata-se de comportamento de jogo problemático persistente e recorrente, com sofrimento ou comprometimento clinicamente significativo, apresentando características como: necessidade de apostar quantias de dinheiro cada vez maiores a fim de atingir a excitação desejada, inquietude ou irritabilidade quando tenta reduzir ou interromper o hábito de jogar, esforços repetidos e mal-sucedidos no sentido de controlar tal hábito, preocupação frequente com o jogo de azar e em “recuperar” as perdas, prejuízo nos relacionamentos pessoais e profissionais, dependência de outras pessoas para obter dinheiro a fim de saldar situações financeiras desesperadoras causadas pelo jogo.

Porém, no apêndice do DMS-5 para estudos posteriores, há um diagnóstico semelhante chamado Transtorno do Jogo pela Internet (também referido como Transtorno por Uso da Internet, Adicção à Internet ou Adicção a Jogos), com a diferença principal de se referir a jogos que não são de azar. Não há referência aproximada a este transtorno na CID-10. O Transtorno do Jogo pela Internet, apesar de ser um diagnóstico encontrado apenas no apêndice do manual, é o que melhor caracteriza a DI, segundo a pesquisadora, pois acaba sendo um pouco mais abrangente que os demais. A pesquisadora acredita que provavelmente, nas próximas edições, a DI seja abordada de forma mais independente e desvinculada dos jogos. O Transtorno do Jogo pela Internet é então definido como o uso persistente e recorrente da internet para envolver-se em jogos, frequentemente com outros jogadores, levando a prejuízo clinicamente significativo ou sofrimento. Para fechar o diagnóstico, é preciso confirmar cinco ou mais dos seguintes sintomas em um período de 12 meses: 1 – preocupação com jogos pela internet (pensar na partida anterior do jogo ou antecipar a próxima partida, o jogo torna-se a atividade dominante na vida diária), 2 – sintomas de abstinência quando os jogos pela internet são retirados (irritabilidade, ansiedade ou tristeza, mas sem sinais físicos de abstinência farmacológica), 3 – tolerância (necessidade de passar quantidades crescentes de tempo envolvido nos jogos), 4 – tentativas fracassadas de controlar a participação nos jogos, 5 – perda de interesse por passatempos e divertimentos anteriores em consequência dos, e com a exceção dos, jogos pela internet, 6 – uso excessivo continuado de jogos pela internet apesar do conhecimento dos problemas psicossociais, 7 – enganar membros da família, terapeuta ou outros em relação à quantidade do jogo pela internet, 8 – uso de jogos pela internet para evitar ou aliviar um humor negativo (p. ex., sentimentos de desespero, culpa, ansiedade) e 9 – colocar em risco ou perder um relacionamento, emprego ou oportunidade educacional ou de carreira significativa devido à participação em jogos pela internet.

2.3 Revisão sistemática de literatura nacional sobre DI

Com o objetivo de verificar o que se tem estudado no Brasil a respeito da dependência de internet (DI), a pesquisadora realizou uma revisão sistemática de literatura, levantando em caráter exploratório os tipos e delineamentos de pesquisa propostos, as populações estudadas e o tipo de avaliação que tem sido feita, para sistematizar os principais resultados e conclusões nessa área ainda incipiente de pesquisas.

2.3.1 Método

Trata-se de uma revisão sistemática de literatura, guiada pela seguinte pergunta norteadora: “O que se tem pesquisado no Brasil a respeito da dependência de internet?”.

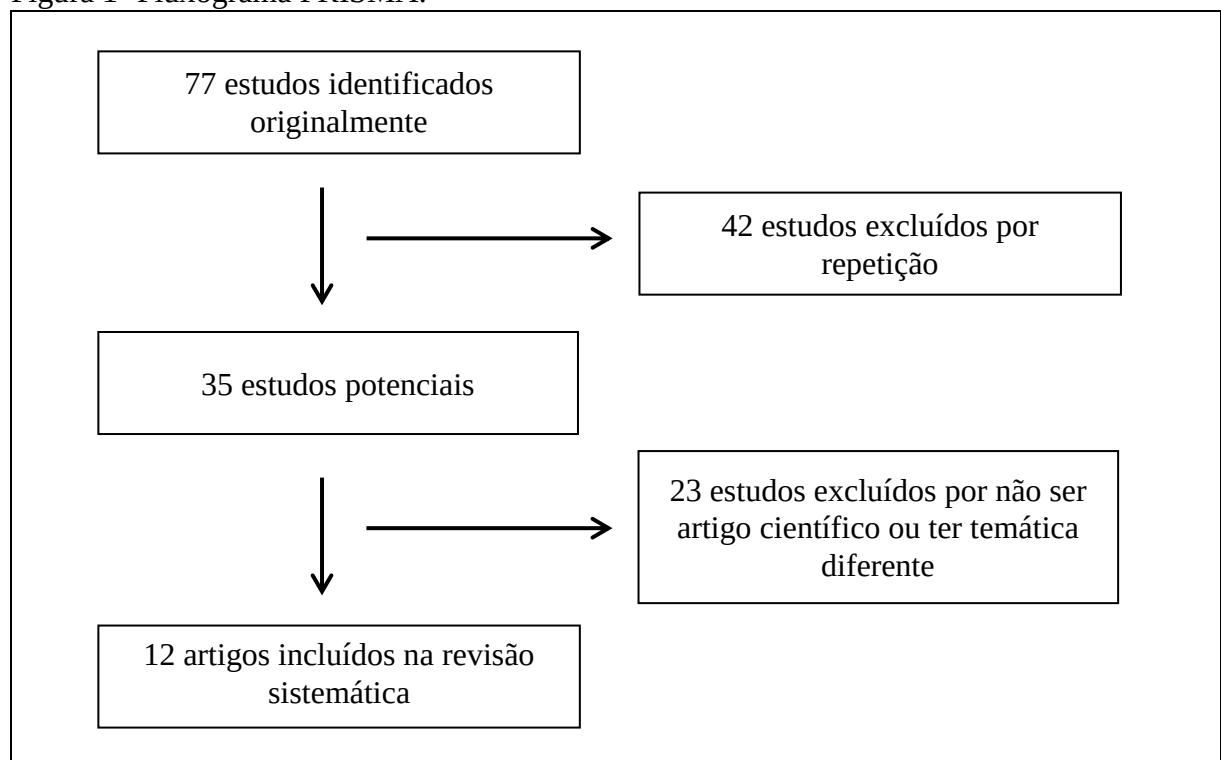
A revisão sistemática de literatura consiste em uma “revisão de uma pergunta formulada de forma clara, que utiliza métodos sistemáticos e explícitos para identificar, selecionar e avaliar criticamente pesquisas relevantes, e coletar e analisar dados desses estudos que são incluídos na revisão” (GALVÃO, PANSANI & HARRAD, 2015, p.335).

Para o levantamento dos artigos na literatura nacional, foi feita uma busca no portal Biblioteca Virtual de Saúde - Brasil (BVS), que congrega bases de dados de psicologia nacionais (Index Psi Periódicos e Pepsic) e bases internacionais na área de saúde (SciELO, MedLine, Cochrane, Latindex, Redalyc, Lilacs e BVS). Segundo a revisão de literatura de Abreu, Karam, Góes e Spritzer (2008), muitos termos são utilizados para definir o uso abusivo de computadores na literatura: *internet addiction*, *pathological internet use*, *internet addiction disorder*, *compulsive internet use*, *computer mediated communications addicts*, *computer junkies* e *internet dependency*. Porém, o termo *internet addiction* (dependência de internet) revela-se como o mais comum quando se trata de tal assunto, tanto na imprensa leiga

como na literatura científica. Ainda assim, decidiu-se por realizar uma busca com mais termos referentes à dependência.

A busca foi feita com os termos: *depend**, *abuso*, *vício*, *adicção*, *uso compulsivo*, *uso excessivo*, *uso problemático*, *uso patológico* e *internet* (e suas respectivas traduções em inglês); não havendo restrição de intervalo de tempo. Além disso, a busca teve como filtro de assunto principal “internet” e foram considerados apenas documentos que estivessem em forma de artigo científico, em português ou em inglês (artigos brasileiros publicados em inglês). A consulta foi realizada em abril de 2018, resultando em 77 artigos. O critério de inclusão definido para a seleção dos artigos foi que estes tratassem do tema de dependência de internet especificamente. Eliminando registros repetidos e aplicando os critérios de inclusão a partir da leitura dos resumos por dois pesquisadores diferentes, foram selecionados 12 artigos, conforme apresentado no fluxograma da Figura 1, seguindo o padrão preconizado no protocolo PRISMA (GALVÃO, PANSANI & HARRAD, 2015).

Figura 1- Fluxograma PRISMA.



Fonte: a autora.

2.3.2 Resultados

Os artigos selecionados datam de 2002 a 2018. Todos foram publicados em revistas avaliadas segundo a última classificação Qualis da CAPES, na área de psicologia. A distribuição foi de seis artigos com A2, quatro com B1, um com A1 e um com B2. Foram encontrados apenas dois artigos brasileiros publicados em língua inglesa. A Tabela 1 apresenta a identificação dos artigos selecionados e a Tabela 2 as principais características teórico-metodológicas dos estudos.

Tabela 1 - Artigos selecionados na revisão.

Título	Autores e filiação institucional	Periódico e ano de publicação	Qualis em psicologia
Quem disse que é proibido ter prazer online? Identificando o positivo no quadro de mudanças atual	Nicolaci-da-Costa, A. M. (PUC-RJ).	<i>Psicologia: Ciência e Profissão</i> , 2002.	A2
Impactos da internet sobre pacientes: a visão de psicoterapeutas	Leitão, C. F. (PUC-RJ); Nicolaci-da-Costa, A. M. (PUC-RJ).	<i>Psicologia em Estudo</i> , 2005.	A1
Dependência de Internet e de jogos eletrônicos: uma revisão	Abreu, C. N. (USP-SP); Karam, R. G. (UFRGS); Góes, D. S. (USP-SP); Spritzer, D. T. (UFRGS).	<i>Revista Brasileira de Psiquiatria</i> , 2008.	A2
O uso de videogames, jogos de computador e internet por uma amostra de universitários da Universidade de São Paulo	Suzuki, F. T. I. (USP-SP); Matias, M. V. (USP-SP); Silva, M. T. A. (USP-SP); Oliveira, M. P. M. T. (USP-SP).	<i>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</i> , 2009.	B1
Avaliação da equivalência semântica e consistência interna de uma versão em português do <i>Internet Addiction Test</i> (IAT)	Conti, M. A. (USP-SP); Jardim, A. P. (USP-SP); Hearst, N. (Universidade da Califórnia); Cordás, T. A. (USP-SP); Tavares, H. (Ambulatório do Jogo Patológico do IPq-HCFMUSP); Abreu, C.	<i>Revista de Psiquiatria Clínica</i> , 2012.	B1

	N. (USP-SP).		
Dependência de jogos eletrônicos: a possibilidade de um novo diagnóstico psiquiátrico	Lemos, I. L. (UFPE); Santana, S. M. (Universidade Católica de Pernambuco).	<i>Revista de Psiquiatria Clínica</i> , 2012.	B1
Avaliação da equivalência semântica da versão em português (Brasil) da <i>Online Cognition Scale</i>	Silva, H. R. S. (UNIFESP); Areco, K. C. N. (UNIFESP); Bandiera-Paiva, P. (UNIFESP); Galvão, P. V. M. (Universidade de Pernambuco); Garcia, A. N. M. (Universidade de Pernambuco); Silveira, D. X. (UNIFESP).	<i>Cadernos de Saúde Pública</i> , 2014.	A2
Padrão de uso de internet por adolescentes e sua relação com sintomas depressivos e de ansiedade	Della Múa, C. P. (Faculdade Meridional); Biffe, E. M. (Faculdade Meridional); Thomé Ferreira, V. R. (Faculdade Meridional).	<i>Psicologia Revista</i> , 2016.	B2
Conflitos Familiares e Práticas Educativas Parentais como Preditores de Dependência de Internet	Terres-Trindade, M. (Universidade do Vale do Rio dos Sinos); Mosmann, C. P. (Universidade do Vale do Rio dos Sinos).	<i>Psico-USF</i> , 2016.	A2
Dependência de internet e habilidades sociais em adolescentes	Terroso, L. B. (UFRGS); Argimon, I. I. L. (PUC-RS).	<i>Estudos e Pesquisas em Psicologia</i> , 2016.	A2
Validity and reliability assessment of the Brazilian version of the game addiction scale (GAS)	Lemos, I. L. (UFPE); Cardoso, A. (UFRJ); Sougey, E. B. (UFPE).	<i>Comprehensive Psychiatry</i> , 2016.	B1
The Use of Smartphones in Different Phases of Medical School and its Relationship to Internet Addiction and Learning Approaches	Loredo e Silva, M. P. (UFJF); Matos, B. D. S. (UFJF); Ezequiel, O. S. (UFJF); Lucchetti, A. L. G. (UFJF); Lucchetti, G. (UFJF).	<i>Journal of Medical Systems</i> , 2018.	A2

Fonte: a autora.

Tabela 2 - Caracterização dos artigos selecionados quanto à abordagem teórico-metodológica.

Referência	Metodologia	Abordagem teórica	Amostra	Instrumentos
Nicolaci-da-Costa (2002)	Qualitativa	Sociologia clássica e psicanálise	20 pessoas usuárias de internet	Entrevista semi-estruturada
Leitão & Nicolaci-da-Costa (2005)	Qualitativa	Sociologia	16 psicoterapeutas (8 psicanalistas e 8 gestalt-terapeutas), com idades entre 33 e 60 anos	Entrevista semi-estruturada
Abreu, Karam, Góes & Spritzer (2008)	Teórica - revisão sistemática de literatura	Inespecífica	55 artigos nas bases de dados Lilacs, Pubmed, SciELO, Cochrane Library e MedLine	-
Suzuki, Matias, Silva & Oliveira (2009)	Quantitativa - descritiva e correlacional	Análise do Comportamento	100 estudantes da USP, com idade média de 21,43 anos	Questionário sociodemográfico PVP
Conti et al. (2012)	Quantitativa - adaptação de escala	Inespecífica	115 estudantes universitários, com idade média de 23 anos	IAT
Lemos & Santana (2012)	Teórica - revisão de literatura	Cognitivo-Comportamental	87 artigos nas bases de dados Pubmed, BVS, Lilacs e SciELO	-
Silva et al. (2014)	Quantitativa - adaptação de escala	Inespecífica	37 estudantes da UFPE, com idade média de 19,5 anos	OCS
Della Múa, Biffe & Thomé Ferreira (2016)	Quantitativa - descritiva e correlacional	Inespecífica	150 estudantes de ensino médio de uma escola estadual do Rio Grande do Sul, com idade média de 16 anos	Questionário sociodemográfico IAT CES-D IDATE LIS-D
Terres-Trindade & Mosmann (2016)	Quantitativa - descritiva e correlacional	Inespecífica	200 jovens com idade média de 20,24 anos, maioria residente no Rio Grande do Sul	Questionário sociodemográfico IAT ECPF EPP EPFCI

Terroso & Argimon (2016)	Quantitativa - descritiva e correlacional	Análise do Comportamento	482 adolescentes, com idade média de 15,21 anos, residentes no Rio Grande do Sul	Questionário sociodemográfico IAT IHSA-Del-Prette
Lemos, Cardoso & Sougey (2016)	Quantitativa - validação de escala, descritiva e correlacional	Inespecífica	384 estudantes da UFPE, com idades entre 18 e 28 anos	Questionário sociodemográfico GAS VAT IAT BDI LSAS
Loredo e Silva et al. (2018)	Quantitativa - descritiva e correlacional	Inespecífica	710 estudantes da UFJF, com idade média de 22,11 anos	Questionário sociodemográfico IAT R-SPQ-2F
Legenda: IAT = <i>Internet Addiction Test</i> ; PVP = <i>Problem Videogame Playing</i> ; OCS = <i>Online Cognition Scale</i> ; CES-D = Escala de Rastreamento Populacional para Depressão do Centro de Estudos Epidemiológicos; IDATE = Inventário de Ansiedade Traço; LIS-D = Levantamento de Intensidade de Sintomas Depressivos; ECPF = Escala de Conflito Pais-filho; EPP = Escala de Práticas Parentais; EPFCI = Escala de Percepção dos Filhos sobre Conflito Interparental; IHSA-Del-Prette = Inventário de habilidades sociais para adolescentes; GAS = <i>Game Addiction Scale</i> ; VAT = <i>Videogame Addiction Test</i> ; BDI = <i>Beck Depression Inventory</i> ; LSAS = <i>Liebowitz Social Anxiety Scale</i> ; R-SPQ-2F = <i>Revised two-factor Study Process Questionnaire</i> .				

Fonte: a autora.

Todos os artigos selecionados se encontram no período dos 16 últimos anos, concentrando-se nos últimos sete anos. Seis dos doze trabalhos foram publicados em revistas de psiquiatria; cinco em revistas da área de psicologia e um em saúde pública. Os estudos que se embasaram de forma explícita em alguma abordagem teórica optaram pela Sociologia, Psicanálise, Análise do Comportamento e Cognitivo-Comportamental.

No que tange aos delineamentos, dois artigos são estudos de adaptação transcultural de escalas que medem a dependência de internet, as quais passam a ser adaptadas para o Brasil, em uma versão em português. Conti et al. (2012) fizeram a adaptação da escala *Internet Addiction Test* (IAT) e Silva et al. (2014) fizeram a adaptação da *Online Cognition Scale* (OCS).

Outros dois artigos tratam-se de revisões de literatura que possuem como um dos focos a dependência de internet. Abreu, Karam, Góes e Spritzer (2008) buscaram estudos que

discorrem sobre a dependência de internet e jogos eletrônicos, além de eventuais informações (aspectos epidemiológicos, características clínicas e tratamentos) que auxiliem na compreensão e na elaboração de critérios diagnósticos. Lemos e Santana (2012) também buscaram estudos que discorrem sobre a dependência de internet e de jogos eletrônicos, porém sob a perspectiva específica da terapia cognitivo-comportamental.

Ambas as revisões de literatura estabelecem uma aproximação entre a dependência de internet (DI) e a dependência de jogos, uma vez que o uso excessivo dos mesmos pode se mostrar bastante similar. Entretanto, destacam a dificuldade em encontrar um consenso entre as diversas descrições diagnósticas, uma vez que existem diferentes critérios e escalas para medir tais dependências. Isso acaba gerando oscilações de prevalência, especialmente quando são estudadas populações distintas.

Os estudos consideram a DI um fenômeno global e presente em qualquer faixa etária, nível educacional e estrato sócio-econômico. Além disso, enfatizam a possibilidade de ocorrência de comorbidades entre a dependência de internet e outras condições psiquiátricas, como depressão, ansiedade, suicídio, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, transtorno obsessivo-compulsivo e transtorno do humor bipolar.

Dois dos doze artigos são pesquisas qualitativas, nas quais foram utilizadas entrevistas individuais semi-estruturadas. Para analisar os dados, foi utilizada a técnica de análise do discurso proposta pela própria autora Nicolaci-da-Costa (1994, citada por NICOLACI-DA-COSTA, 2002). No primeiro estudo, Nicolaci-da-Costa (2002) entrevistou 20 homens e mulheres considerados “usuários pesados” de internet (ou seja, conectados por pelo menos 2 horas por dia), com o objetivo de investigar o comportamento de uso intensivo da internet. O roteiro das entrevistas era composto por 25 perguntas abertas sobre os hábitos do usuário (como: horário de uso do computador, quantidade de vezes que checa a caixa postal etc), sobre as suas opiniões e sentimentos com relação à internet, além de serem

registrados dados objetivos do sujeito como idade, sexo, escolaridade e profissão. Os resultados se mostraram contraditórios e sua interpretação, complexa. Os problemas vividos pelos usuários foram divididos em dois tipos: estruturais e induzidos. Os estruturais são aqueles que ocorrem inevitavelmente em função das mais variadas mudanças, e que no caso, revelaram-se como uma perturbação da auto-organização e da produtividade. Já os problemas induzidos foram identificados por uma visão dos usuários que rotula como vício o uso intensivo da internet, visão esta gerada artificialmente por discursos que enxergam o novo pela ótica da negatividade. A pesquisadora conclui a discussão com a reflexão de que é fundamental perceber aquilo de positivo que há em toda mudança.

Leitão e Nicolaci-da-Costa (2005) realizaram outra pesquisa em que entrevistaram psicanalistas e gestalt-terapeutas, visando conhecer o que os psicoterapeutas têm a dizer sobre o atendimento clínico de usuários de internet. Participaram da pesquisa oito psicanalistas e oito gestalt-terapeutas, sendo quinze mulheres e um homem, todos atuantes em consultórios particulares da cidade do Rio de Janeiro. O roteiro das entrevistas era composto por questões objetivas de identificação (nome, idade, formação acadêmica, linha de atuação, tempo de experiência e perfil da clientela) e questões abertas sobre seus hábitos pessoais na internet, relatos detalhados dos casos clínicos dos usuários da rede, considerações a respeito destes, consequências da difusão da internet para a prática clínica e para os processos de subjetivação contemporâneos etc.

Os psicoterapeutas relataram a emergência de novos processos de subjetivação. Foram identificadas características subjetivas comuns aos pacientes, como: o prazer derivado do uso da rede como um novo espaço de vida, o sentimento de onipotência originado na experiência *online*, as relações estabelecidas com seus corpos e os excessos vividos no espaço virtual. Além disso, as pesquisadoras trazem a reflexão sobre o uso excessivo de conexão à internet, a qual pode gerar uma patologia: o vício na internet. Ao mesmo tempo, trazem

também uma visão crítica a respeito da patologização do uso da rede, enfatizando a existência de preconceito e de dificuldade em lidar com novos modos de subjetivação que estão surgindo a partir de um novo espaço de vida. Enfim, o estudo mostrou grande contribuição no sentido de fornecer uma orientação sobre o tema a partir da perspectiva de psicólogos clínicos, auxiliando a pensar o sujeito contemporâneo.

Seis dos doze artigos selecionados são pesquisas quantitativas descritivas, as quais apresentaram amostras de estudantes adolescentes e jovens. Para a coleta dos dados, foram aplicados diversos instrumentos, dentre eles questionários sociodemográficos e escalas. Para avaliar a DI, cinco artigos utilizaram a escala *Internet Addiction Test* (IAT) e um utilizou a escala *Problem Videogame Playing* (PVP). Outras escalas também foram utilizadas para medir características específicas a depender dos objetivos de cada estudo. Em cinco destes estudos, os pesquisadores optaram por aplicar as escalas pessoalmente, e apenas em um estudo a coleta foi realizada de forma *online*.

Suzuki, Matias, Silva e Oliveira (2009) avaliaram o uso de jogos eletrônicos (*videogames*, jogos de computador e internet) em uma amostra de 100 universitários com idades entre 17 e 35 anos (idade média de 21,43 anos), através da aplicação da escala PVP. Os resultados revelaram que 83% relataram ter jogado no último ano, dentre os quais: 81,9% eram homens, 51,8% jogavam de 1 a 2 horas por sessão, 34,9% jogavam mais de uma vez por semana, 54,2% realizavam curso de exatas, 65% cursavam o 1º ou 2º ano da faculdade e 59% não estavam trabalhando. A maioria dos estudantes (60,5%) revelou sentir-se indiferente após jogar um jogo violento, 8,6% revelaram sentir-se mais relaxados e 7,4% afirmaram sentir-se mais agressivos. Além disso, os estudantes foram divididos em duas frequências de jogo: jogadores ocasionais (até uma vez por semana) e jogadores frequentes (mais que uma vez por semana). 74,4% dos estudantes disseram que jogar *videogame* não interfere no relacionamento com amigos “reais”, 11% disseram que passaram a se relacionar mais como

amigos “virtuais” e 4,9% disseram que passam menos tempo com os amigos “reais”. Comparando os dois grupos, os jogadores frequentes relataram que o uso de jogos interferiu em seus relacionamentos sociais e que passaram a se relacionar mais com jogadores virtuais após começarem a jogar do que jogadores ocasionais. Quanto às atividades de lazer, as mais frequentes foram: navegar na internet (77,1%, diariamente), ler ou ouvir música (68,7%, diariamente), sair com os amigos uma vez ou mais por semana (63,4%) e praticar esportes uma vez ou mais por semana (48,2%). Quanto à escala PVP, pontuações iguais ou maiores que 5 foram consideradas como grupo de prováveis jogadores dependentes. A maioria (74,4%) pontuou até 3 e 15,8% pontuaram 5 ou mais. Verificou-se que a média dos escores dos jogadores frequentes (3,12) foi significativamente maior que a dos ocasionais (2,16). A conclusão do estudo é que tais diferenças podem indicar fatores de risco para dependência de jogo eletrônico.

Della Méa, Biffe e Thomé Ferreira (2016) investigaram o uso da internet e sua relação com sintomas depressivos e de ansiedade em 150 estudantes de ensino médio de uma escola estadual do Rio Grande do Sul, com idades entre 15 e 17 anos (idade média de 16 anos). Utilizou-se a escala IAT para medir a dependência de internet. Como resultado, revelou-se que, de forma geral, os sintomas de DI, sintomas depressivos e sintomas de ansiedade permaneceram na faixa não-clínica. Além disso, não foram identificadas correlações estatisticamente significativas entre os escores do IAT e os sintomas de depressão e de ansiedade. Ainda assim, foi observado que, na medida em que os participantes obtinham maiores escores no IAT, igualmente aumentavam os demais escores. Quanto às pontuações no IAT, verificou-se que 38,67% dos adolescentes permaneceram no intervalo normal, enquanto 35,33% foram classificados com dependência leve e 26% com dependência moderada de internet.

Já Terres-Trindade e Mosmann (2016) compararam o uso da internet com a relação entre pais e filhos. Participaram da pesquisa 200 jovens com idades entre 15 e 24 anos (idade média de 20,24 anos), que moravam na companhia de pelo menos um dos pais, sendo a maioria (85,5%) residente no Rio Grande do Sul. Para medir a DI, aplicou-se o IAT. Esta e as demais escalas foram aplicadas por meio de um protocolo de avaliação disponibilizado *online*. Os resultados mostraram que, dentre os motivos de conflito com os pais (tarefas domésticas, dinheiro, internet, amizades/namoro, estudos e drogas), a internet se apresenta como o terceiro motivo mais frequente. Quanto à pontuação no IAT, 89% dos jovens se mantiveram na faixa não-clínica, enquanto 11% apresentaram sintomas leves e moderados. A pontuação média no IAT foi de 23 pontos, sendo considerada baixa. Ainda assim, houve correlações estatisticamente significativas entre os escores do IAT com as dimensões avaliadas pelas outras escalas, especificamente correlações negativas com as práticas educativas de apoio emocional materno e paterno, e com as de incentivo à autonomia paterna; e correlações positivas com os conflitos com a mãe sobre internet, com os conflitos com o pai sobre internet e com a ameaça do conflito interparental; o que indica possíveis fatores de proteção e de risco para a DI. Por fim, identificou-se um conjunto de variáveis familiares capaz de explicar 21,2% da DI nos jovens; entre elas destacou-se o efeito dos conflitos entre pais e filhos e da percepção do conflito interparental. Concluiu-se que, mesmo que a DI seja um fenômeno complexo e de natureza multifatorial, a família como um todo deve ser considerada quando se pensa na prevenção desta.

Terroso e Argimon (2016) realizaram um estudo com 482 estudantes residentes no Rio Grande do Sul, com idades entre 12 e 18 anos (idade média de 15,21 anos), a fim de verificar a relação entre a DI e as habilidades sociais (HS), além de constatar variáveis preditoras da DI nessa população. Foi utilizado o IAT para medir a dependência de internet. Como resultado, 98,2% dos participantes afirmaram fazer uso da internet, tendo como

atividade predominante o uso de redes sociais (79,2%); e 20,7% foram considerados como dependentes (não foi dada uma especificação mais detalhada a respeito das classificações de DI). Além disso, 60,8% dos participantes obtiveram pontuação correspondente a um repertório inferior com relação às HS. Não foi encontrada diferença significativa entre as médias dos estudantes com e sem DI para nenhum fator relativo à frequência de manifestação de HS; mas pôde-se verificar que os estudantes com DI apresentaram escores maiores para a dificuldade em executar as condutas relativas a um desempenho social mais hábil. Entretanto, foi comentado um dado interessante: nos relacionamentos *online* também se permite manifestar certas classes de HS (comportamento afetivos e assertivos) e que estes, mesmo não desenvolvendo laços fortes, podem ser considerados um tipo de contato social importante, principalmente para os jovens. Contudo, concluiu-se que a internet é uma ferramenta que complementa a interação social e, portanto, não deve substituir as relações face a face, uma vez que não é capaz de suprir determinadas necessidades essenciais, as quais só serão obtidas em relacionamentos reais.

Lemos, Cardoso e Sougey (2016), além de terem validado a versão brasileira da escala *Game Addiction Scale* (GAS) que mede a dependência de jogos eletrônicos, realizaram um estudo correlacional, medindo características como a DI. Foi encontrada correlação positiva forte entre a escala GAS e a *Videogame Addiction Test* (VAT), revelando grande convergência entre tais instrumentos que se propõem a medir fenômenos similares. Além disso, os pesquisadores encontraram correlações positivas moderadas da GAS com as escalas IAT, BDI e LSAS. Isso indica que a dependência de jogos e a dependência de internet envolvem comportamentos, por vezes, diferentes; mas que estão, de alguma forma, relacionadas. Do mesmo modo, analisando as correlações com as demais escalas, a dependência de jogos eletrônicos se mostrou relacionada com sintomas depressivos e ansiosos.

O estudo mais recente é o de Loredó e Silva et al. (2018), em que os pesquisadores investigaram o uso de *smartphones*, a dependência de internet e suas repercussões na aprendizagem de alunos de medicina. Foram coletados dados de 710 estudantes, com idade média de 22,11 anos. O uso de internet foi avaliado através da escala IAT e os tipos de aprendizagem foram avaliados através do teste *Revised two-factor Study Process Questionnaire* (R-SPQ-2F), sendo classificados como: “aprendizagem superficial” (baseada em motivações extrínsecas, com objetivo de atingir requisitos mínimos sem gastar muito esforço) e “aprendizagem profunda” (baseada na motivação e curiosidade intrínsecas, com objetivo de descobrir, compreender e estender conhecimentos).

Como resultado, foi observado que quase todos os alunos (98,7%) tinham um *smartphone*, os quais relataram usá-lo principalmente para acessar redes sociais e para efetuar ou receber chamadas telefônicas/e-mails. Os aplicativos mais utilizados foram os de mensagens instantâneas, despertadores e navegadores. 96,8% dos estudantes revelaram utilizar o *smartphone* durante aulas, palestras e reuniões. Além disso, 47,3% relataram usá-lo por mais de 10 minutos por dia para fins educacionais. A pontuação média no teste IAT foi de 46,27 pontos; tendo sido 31,8% dos estudantes considerados pelos autores como usuários de internet “não-problemáticos”, e 68,2% como usuários “problemáticos” (64,6% com problemas frequentes e apenas 3,6% com problemas significativos que impactam a rotina diária).

Os estudantes com uso problemático de internet foram os que apresentaram maior aprendizagem superficial e menor aprendizagem profunda. Essa relação, embora apoiada por correlações fracas, sugere que a aprendizagem dos alunos seja afetada pelo uso/abuso da internet. Por fim, os pesquisadores alertam e recomendam o uso racional dos *smartphones*, tendo consciência dos seus impactos, tanto positivos quanto negativos. Tais dispositivos são tecnologias já consolidadas na sociedade e no contexto educacional atual, as quais podem

tanto prejudicar o desempenho e a saúde das pessoas, quanto promover o desenvolvimento profissional, através do acesso imediato a um universo de informações, em quaisquer hora e lugar.

2.3.3 Discussão

A presente revisão de literatura teve como objetivo verificar o que se tem pesquisado no Brasil a respeito da dependência de internet. A amostra selecionada é de apenas 12 artigos, o que indica uma escassez de estudos que envolvem a problemática da DI em contexto brasileiro, uma vez que esta temática de pesquisa se revela bastante recente.

Dentre os estudos selecionados na presente revisão, percebe-se uma predominância dos delineamentos quantitativos descritivos e correlacionais, havendo aplicação de instrumentos como questionários sociodemográficos e escalas avaliativas. O instrumento específico mais utilizado para medir a DI foi a escala *Internet Addiction Test* (IAT). Trata-se de uma escala com 20 itens que mede a extensão do envolvimento da pessoa com o computador (YOUNG, 1998), a qual foi validada no Brasil a partir do estudo de Conti et al. (2012). Tal escala é apresentada novamente no Manual e Guia de Avaliação e Tratamento (YOUNG & ABREU, 2011), na forma de livro-texto, indicando a consolidação de propostas de avaliação.

As amostras dos estudos foram, em sua maioria, formadas por adolescentes e jovens, os quais se mostram como os maiores usuários de internet e, sendo assim, o grupo de maior risco para a dependência de internet.

Foram encontrados também dois estudos de adaptação de escalas e dois estudos teóricos, sendo estes dois últimos revisões de literatura. Apenas duas pesquisas qualitativas foram encontradas, as quais utilizaram como instrumento entrevistas semi-estruturadas e

como técnica a análise de discurso de Nicolaci-da-Costa (1994, citada por NICOLACI-DA-COSTA, 2002).

Sete dos doze estudos não explicitaram envolvimento com nenhuma abordagem teórica específica. Quando uma abordagem teórico-metodológica do campo da psicologia está presente é de forma superficial e secundária. Em especial, chama a atenção o fato de que não são abordados modelos ou efeitos de intervenções psicológicas, mas apenas formas de avaliação e diagnóstico e, principalmente, caracterização de fatores de risco e proteção. Tais condições apontam para a existência de dados mais genéricos a respeito da DI, ao invés de uma análise mais aprofundada e singularizada, além de indicar que os estudos do tema ainda não avançaram na proposição e validação de formas específicas de intervenção.

Em suma, todos os elementos apontados indicam que os estudos sobre DI ainda são recentes e incipientes, focados no estabelecimento de formas de avaliação e caracterização da dependência da internet. É relevante ressaltar que a dependência de internet, mesmo sendo um fenômeno novo e com categorização nosográfica ainda indefinida, já possui atenção considerável como sendo um problema de saúde; recebendo diversos tipos de tratamento, geralmente vinculados à terapia cognitivo-comportamental, assunto também trabalhado no livro de Young e Abreu (2011). Enfim, a principal contribuição desta revisão está em mostrar como esse tema tem se desenvolvido e que tendências têm se instaurado na literatura brasileira.

2.3.4 Conclusão

Pode-se concluir que a literatura nacional na área de saúde sobre dependência de internet ainda é escassa e exploratória, em um momento ainda de definição de protocolos de avaliação e diagnóstico, além da própria caracterização do fenômeno, em termos de

sintomatologia, fatores de risco e de proteção. Faltam estudos qualitativos e constructos teórico-conceituais próprios de abordagens psicológicas para compreensão do fenômeno. Não aparecem estudos de caracterização e avaliação de propostas interventivas psicológicas específicas para a DI. Portanto, há a indicação de que os estudos devam avançar nesse sentido. A respeito do estado atual dos instrumentos de avaliação, é possível afirmar que há uma tendência de uso do IAT na literatura nacional, se consolidando com um primeiro estudo de validação da escala para a população brasileira (CONTI et al., 2012).

3 NARCISISMO

3.1 Origem e definições

Além do uso de internet, outra característica marcante da sociedade contemporânea é o narcisismo. O mito de Narciso é um dos mais conhecidos da mitologia grega, em que é narrada a história de um jovem chamado Narciso que se apaixona pela própria imagem refletida na superfície de um lago. Portanto, por referência ao mito, o narcisismo seria o amor pela imagem de si mesmo.

O termo “narcisismo” foi usado pela primeira vez por Paul Näcke, em 1899. Este o definiu como um estado de auto-erotismo no qual o indivíduo toma o seu próprio corpo como objeto de interesse e de gratificação sexual (FREUD, 1914/2010). Desde então, o narcisismo vem sendo definido sob diferentes perspectivas e atualmente está bastante presente nos discursos usados para descrever a pós-modernidade e as formas de subjetivação.

Guimarães e Endo (2014) realizaram um estudo sobre a origem da palavra narcisismo, passando pelos primeiros teóricos do narcisismo - Alfred Binet, Havelock Ellis, Paul Näcke e Richard von Krafft-Ebing. Além disso, trazem a etimologia da palavra:

Narcisismo pode ser decomposto em narc- (radical) e -ismo (sufixo); -ismo, neste caso, nos remete a uma doença ou enfermidade; ao passo que narc- deriva do grego — νάρκη — e significa torpor. Conservando esse sentido, por um lado, narc- dará origem a narcótico; por outro, o significado de narc- (torpor) dará origem à palavra entorpecente. Tudo isso tem como base o fato de que a flor narciso — provavelmente comum em determinadas regiões do mundo grego antigo — guarda um efeito entorpecente. Narcisismo seria, portanto, algo como uma doença do entorpecimento; ao que esses primeiros psiquiatras e psicólogos acrescentariam: uma doença do entorpecimento por si mesmo. (GUIMARÃES; ENDO, 2014, p.12)

Padovan (2017), que também estudou a origem de tal conceito, afirma que o tema de Narciso percorreu toda a história da literatura ocidental, até chegar ao discurso médico, em que se torna destituído do seu simbolismo particular e reduzido em termos caricaturais a um

fenômeno patológico. Assim, o conceito de narcisismo tem como origem a tradição médico-psiquiátrica do final do século XIX, passando por pesquisadores como Alfred Binet, Havelock Ellis e Paul Näcke. Estes orientaram o estudo em torno da sexualidade, possibilitando o desenvolvimento das hipóteses psicanalíticas; mas o narcisismo passou a ser de fato assimilado pela Psicanálise a partir das proposições freudianas. O narcisismo teve então seu marco inicial com Freud em 1910, em que este utiliza o conceito para explicar a escolha de objeto nos indivíduos homossexuais. Estes tomariam a si mesmos como objeto sexual e procurariam jovens que se pareçam com eles. Em 1911, Freud propõe brevemente a existência de uma fase da evolução sexual intermediária entre o auto-erotismo e o amor de objeto, permitindo uma primeira unificação das pulsões sexuais (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001).

Porém, é só em 1914 que se dedica um estudo especial sobre o tema, intitulado *Introdução ao narcisismo* (FREUD, 1914/2010). Nele, o narcisismo deixa de ser considerado como uma perversão – escolha do próprio corpo como objeto de investimento amoroso – e passa a ocupar um lugar importante no desenvolvimento psicosssexual regular do ser humano. Trata-se de um conceito central para a visão psicanalítica de sujeito, sendo muito usado na Psicanálise para o estudo da personalidade. Segundo o pai da Psicanálise, o narcisismo é um aspecto comum a todos os seres humanos, vinculado ao desenvolvimento psicosssexual do indivíduo; e não necessariamente a uma patologia (FREUD, 1914/2010).

Considerando um princípio de conservação de energia libidinal, o narcisismo pode ser compreendido a partir da oposição entre a libido do eu (ou libido narcísica), que investe energia no ego, e a libido de objeto, que a investe em objetos. Freud destaca: “Quanto mais se emprega uma, mais empobrece a outra” (1914/2010, p.17), ou seja, de forma geral, o narcisista destina interesse e libido, prioritariamente, a si próprio, ao invés de investir em objetos do mundo externo.

São descritas algumas situações em que se pode observar o narcisismo. Dentre elas estão, por exemplo: a vida amorosa dos seres humanos, algumas psicopatologias e o momento do sono. Este último foi caracterizado pelo autor como um estado com retração narcísica da libido para a própria pessoa, mais precisamente para o desejo de dormir. Com relação à vida amorosa, precisa-se depreender a escolha do objeto amoroso feita pelo indivíduo. Freud distingue dois tipos de escolha de objeto: o tipo narcísico e o tipo “de apoio”. De acordo com o autor, uma pessoa ama (FREUD, 1914/2010, p.36):

1) Conforme o tipo narcísico:

- a) o que ela mesma é (a si mesma);
- b) o que ela mesma foi;
- c) o que ela mesma gostaria de ser;
- d) a pessoa que foi parte dela mesma.

2) Conforme o tipo de apoio:

- a) a mulher nutriz;
- b) o homem protetor (e a série de substitutos que deles derivam).

No tipo narcísico de escolha objetual, a criança toma a si mesma como objeto de amor. No tipo de apoio, ela tem como objeto amoroso as pessoas que lhe oferecem apoio, seja através de nutrição, cuidado ou proteção; sendo geralmente a mãe /o pai ou substitutos. Não se tratam de escolhas puras e excludentes uma da outra. Pode haver concomitância das formas de investimento libidinal com a predominância de uma delas, além de não haver um abandono completo de nenhuma.

Garcia-Roza (2008) aborda o narcisismo através de uma perspectiva genética e histórica a partir da análise das obras freudianas. O autor começa pelo auto-erotismo. Este é o

estado original da sexualidade infantil em que a pulsão sexual encontra satisfação no próprio corpo, sem recorrer a um objeto externo. Tal satisfação é parcial e local, desarticulada com relação às demais satisfações parciais. Segundo Freud, trata-se do “prazer do órgão”, ou seja, o prazer que o órgão retira dele mesmo. O corpo é vivido como fragmentado em partes. Enfim, no auto-erotismo, não há uma representação do corpo como uma unidade, pois falta o eu (GARCIA-ROZA, 2008).

Esta nova ação psíquica precisa se acrescentar ao auto-erotismo para que o narcisismo se constitua. O aparecimento do narcisismo é correlativo ao do eu. Assim, originalmente, o eu é o objeto privilegiado de investimento libidinal, sendo o armazenador de toda a libido disponível. A criança investe toda a sua libido em si mesma. Esse momento foi denominado por Freud como narcisismo primário. Este é estruturante do eu e de todo o aparelho psíquico. A constituição do eu ocorre, então, a partir de um processo de identificação narcísica com o objeto, tornando-o um modelo para si, chamado eu ideal.

Com o desenvolvimento da criança, esta passa a investir sua libido em objetos externos, momento nomeado como amor objetal. Freud explica a necessidade da psique de ultrapassar as fronteiras do narcisismo e pôr a libido em objetos: “[...] o investimento do eu com libido superou uma determinada medida. Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar” (FREUD, 1914/2010, p.29).

Freud denomina narcisismo secundário quando, após ter investido objetos externos, ocorre um retorno desse investimento libidinal ao eu. Trata-se de um estado narcísico não-estrutural e impermanente, como o processo de luto. Porém, há a possibilidade de haver uma regressão ao narcisismo primário, resultando em psicopatologias, as quais serão comentadas mais adiante.

Deve-se enfatizar que desenvolvimento do eu implica um distanciamento em relação ao narcisismo primário e o deslocamento da libido para um ideal de eu imposto de fora, havendo satisfação através do cumprimento desse ideal.

Há ainda a possibilidade de haver um narcisismo originário, supostamente anterior ao auto-erotismo; estado anobjetal e monádico em que o indivíduo estaria inteiramente fechado em si mesmo sem qualquer mediação com o mundo externo (GARCIA-ROZA, 2008).

Portanto, considerando o narcisismo em suas diversas formas, a sequência do funcionamento libidinal seguiria o seguinte caminho: narcisismo originário – auto-erotismo – narcisismo primário – escolha de objeto/ amor objetal – narcisismo secundário.

É importante lembrar de que tal sequência do funcionamento libidinal não é um consenso entre os autores psicanalistas. Especialmente a noção de narcisismo primário está sujeita a muitas variações, pois se trata de um estado hipotético da libido infantil. Para Melanie Klein, por exemplo, não existe fase narcísica, uma vez que o bebê estabelece relações objetais desde o nascimento; mas existem estados narcísicos em que há o retorno da libido a objetos interiorizados. Já para Lacan, o narcisismo se subdividiria em dois momentos estruturais distintos, redescrivendo a terminologia de primário e secundário (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001).

Contudo, apesar das divergências dentro da Psicanálise a respeito da descrição ou da situação cronológica do narcisismo, Laplanche e Pontalis (2001) chegam à conclusão de que o narcisismo primário pode ser considerado como uma fase precoce que se caracteriza pelo aparecimento simultâneo de um primeiro esboço do ego e pelo seu investimento pela libido, o que não significa que este primeiro narcisismo seja o primeiro estado do ser humano, nem que, do ponto de vista econômico, esta predominância do amor de si mesmo exclua qualquer investimento objetal.

3.2 Narcisismo nas psicopatologias

Como já foi exposto anteriormente, o narcisismo é um estágio normal e indispensável do desenvolvimento do indivíduo, não estando relacionado necessariamente a uma doença ou transtorno psicológico. Entretanto, há a possibilidade de o indivíduo persistir muito tempo nesse estágio, fazendo com que características dessa fase sejam transportadas para as fases posteriores. Quando isso ocorre, pode-se dizer que houve a fixação da libido no narcisismo (primário), devido a uma ferida narcísica vivida nessa fase. Mais tarde, ao se deparar com uma perda (real ou ideal), o indivíduo regride ao narcisismo primário, podendo resultar em alguma enfermidade (MENDES et al., 2014).

Um exemplo clássico desse tipo de enfermidade é a melancolia. Esta foi descrita por Freud em *Luto e Melancolia* (1917/2010). Na melancolia, há primeiramente a escolha (narcísica) de um objeto e, depois, a perda deste. Em seguida, o indivíduo não consegue deslocar a libido investida no objeto perdido para outro objeto, e assim, a recolhe para o eu, havendo uma identificação (narcísica) com o objeto perdido. Com isso, o melancólico não só vive a perda do objeto como também a perda do próprio eu (FREUD, 1917/2010).

Segundo Mendes et al. (2014), assim como a melancolia foi uma forma de expressão do mal-estar no século XIX, a depressão é considerada o mal-estar do século XXI. Ambas são consideradas psicopatologias narcísicas, porém, se diferenciam em alguns aspectos. A melancolia é caracterizada por um conflito entre o eu e o supereu, havendo a perda de estima de si, a perda de interesse pelo mundo e uma falha na constituição narcísica do eu. Enquanto a depressão se dá pelo conflito entre o eu e o ideal de eu, evidenciado pelo vazio por não serem realizados os ideais inerentes à cultura contemporânea; cultura esta que exige um superinvestimento no eu, no consumo e na aparência, denominada cultura do narcisismo (LASCH, 1983, citado por MENDES et al., 2014).

O narcisismo também pode ser observado na neurose, em que também há a retração da libido para o eu, porém há um desligamento apenas parcial do investimento libidinal objetal. Tal vínculo é conservado na fantasia, substituindo os objetos reais por objetos imaginários. Já na psicose, a retração da libido para o eu ocorre juntamente com o bloqueio da relação com os objetos externos, havendo uma acumulação da libido no eu. Além disso, não há o recurso à fantasia; o vínculo com as pessoas e coisas é eliminado sem conseguir substituição por objetos imaginários. Por fim, na hipocondria também pode ser observado o narcisismo. O indivíduo retira a libido dos objetos externos e passa a investi-la em uma parte do próprio corpo, a qual passa a funcionar como zona erógena (FREUD, 1914/2010).

3.3 A cultura do narcisismo

Além de ser importante para a caracterização do sujeito e também de transtornos da personalidade com características narcísicas, o narcisismo permite análises sociais contemporâneas a respeito do modo narcísico de viver da sociedade atual. Em *A cultura do narcisismo*, Christopher Lasch (1979/1983) afirma que novas formas sociais requerem novas formas de personalidade, novos meios de socialização e novos meios de organizar a experiência. A cultura do narcisismo pode ser descrita a partir de características como: individualismo, ética da sobrevivência, superficialidade emocional, pseudo-autopercepção, fascínio pela celebridade, medo da intimidade, hipocondria, liberação sexual, vazio interior, horror à velhice e à morte, além da escassez de ideais comuns e o desprezo pela história e pela alteridade (WANDERLEY, 1999). Realizando uma análise mais social sobre o narcisismo, este pode ser visto, portanto, como uma forma de compreender o impacto psicológico de tais mudanças sociais.

Em *A sociedade do espetáculo*, Guy Debord (1967/1997) também faz uma análise social. Este descreve a vida das sociedades em que há as modernas condições de produção como uma imensa acumulação de espetáculos. De acordo com o autor, “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (DEBORD, 1967/1997, p.14). Há, então, a falsificação da vida social, em que tudo o que era vivido diretamente torna-se uma representação. O estilo de ser das individualidades e a relação entre elas são marcados pela exibição e pela teatralidade; sendo exigida a melhor *performance* possível. Tal sociedade do espetáculo, dominada pelo mundo das imagens, pelo consumo exacerbado e pelo desenvolvimento tecnológico e científico, só intensifica ainda mais a cultura narcísica.

Birman (1999/2016) defende que a sociedade pós-moderna pode ser caracterizada tanto pelo conceito de cultura do narcisismo desenvolvido por Lasch, quanto pelo conceito de sociedade do espetáculo desenvolvido por Debord. Ele utiliza a visão desses dois autores para realizar uma leitura da subjetividade contemporânea. Esta se mostra de maneira paradoxal, pois se apresenta tanto como autocentramento quanto exterioridade. Ou seja, a subjetividade assume uma configuração estetizante e exibicionista, em que o olhar do outro no campo social e midiático passa a ter grande importância em sua economia psíquica. O outro, então, ocuparia um lugar de mero espectador e admirador do eu. Aqui, a mídia se evidencia como ferramenta fundamental para a realização da exaltação de si-mesmo pelo indivíduo. Trata-se de um universo da imagem, em que há a hegemonia da aparência e o sujeito vale pelo que parece ser, mediante as imagens produzidas para se apresentar socialmente. Enfim, o mundo contemporâneo se mostra mais sustentado por imagens do que por reflexão, em que as pessoas se encontram mais voltadas para si mesmas do que para o outro (BIRMAN, 1999/2016).

Em suma, o narcisismo é um aspecto fundamental para o desenvolvimento dos indivíduos e para a formação da personalidade, uma vez que participa da constituição do eu, e também, a partir de um processo de identificações, da construção de outros elementos psíquicos como o eu ideal e o ideal de eu. Além disso, o narcisismo pode estar presente em situações diversas pelas quais as pessoas passam durante a vida, como a escolha de um objeto amoroso, o momento do sono, o trabalho de luto, e algumas psicopatologias.

As psicopatologias narcísicas, em especial, vêm se mostrando muito presentes na sociedade pós-moderna, uma vez que nesta se impera a exigência do gozo e a supervalorização do eu. Trata-se de uma sociedade que não tolera a falta, a perda e o sofrimento; e que exige o aproveitamento de todas as oportunidades. Assim, o indivíduo torna-se paralisado diante de tantos caminhos possíveis, e adoece.

De acordo com Birman (1999/2016), a insistência no narcisismo e no eu se contrapõe ao que existe de primordial na experiência psicanalítica freudiana, pois esta propõe a desconstrução do eu - isto é, um descentramento do eu e da consciência em relação ao inconsciente e às pulsões - como condição de possibilidade para a existência do desejo. Desse modo, as culturas do narcisismo e do espetáculo incentivam um modelo de subjetividade em que se silenciam as possibilidades de reinvenção do sujeito e do mundo.

3.4 Narcisismo como diagnóstico clínico

Atualmente, quando as características narcísicas da personalidade se tornam muito exacerbadas e, portanto, patológicas, tal condição é identificada como Transtorno de Personalidade Narcisista, descrito no DSM-5 (ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA, 2014), com código de referência F60.81 na CID-10. Tal condição se caracteriza por um padrão difuso de grandiosidade (em fantasia ou comportamento),

necessidade de admiração e falta de empatia que surge no início da vida adulta e está presente em vários contextos. Para fechar o diagnóstico, é preciso confirmar cinco ou mais dos seguintes critérios: 1 – sensação grandiosa da própria importância (exagerar conquistas e talentos, esperar ser reconhecido como superior sem que tenha as conquistas correspondentes), 2 – preocupação com fantasias de sucesso ilimitado, poder, brilho, beleza ou amor ideal, 3 – acreditar ser “especial” e único e que pode ser somente compreendido por, ou associado a, outras pessoas (ou instituições) especiais ou com condição elevada, 4 – demanda por admiração excessiva, 5 – sentimento de possuir direitos (expectativas irracionais de tratamento especialmente favorável ou que estejam automaticamente de acordo com as próprias expectativas), 6 – explorar relações interpessoais (tirar vantagem de outros para atingir os próprios fins), 7 – carecer de empatia: relutar em reconhecer ou identificar-se com os sentimentos e as necessidades dos outros, 8 – ser frequentemente invejoso em relação aos outros ou acreditar que os outros o invejam, 9 – demonstrar comportamentos ou atitudes arrogantes e insolentes.

3.5 Como medir o narcisismo?

Psicólogos e pesquisadores interessados no estudo da personalidade geralmente possuem a preocupação de como medir determinadas características desta. Além das entrevistas, a avaliação psicológica pode contar também com o uso dos testes psicológicos.

Para medir características narcísicas da personalidade, a literatura internacional revelou o uso de diversos testes, como: *Narcissistic Personality Inventory* (NPI) (RASKIN & HALL, 1979; RASKIN & TERRY, 1988), *Hypersensitive Narcissism Scale* (HSNS) (HENDIN & CHEEK, 1997), *Single Item Narcissism Scale* (SINS) (KONRATH, MEIER &

BUSHMAN, 2014), além da possibilidade de avaliação por meio de testes projetivos como o Rorschach e o Teste de Apercepção Temática (TAT).

Porém, a medida mais utilizada para medir personalidades narcísicas é o NPI (RASKIN & HALL, 1979; RASKIN & TERRY, 1988). Este foi criado com base nos critérios diagnósticos do Transtorno de Personalidade Narcisista do DSM-III (ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA, 1980). O teste é um questionário de autorrelato que contém 40 itens. Cada item possui uma afirmação narcisista e outra não narcisista. Os respondentes devem escolher a afirmação que lhes descreve melhor. São pontuadas apenas as afirmações narcisistas segundo o protocolo; e quanto maior a pontuação, maior o narcisismo.

No Brasil, já foi encontrado um estudo em que o Inventário de Personalidade Narcisista fora utilizado para medir características narcísicas. Langaro e Benetti (2014) realizaram um estudo correlacional, no Rio Grande do Sul, em que investigaram características de narcisismo, depressão, ansiedade, desesperança e autoestima em 350 jovens adultos universitários. Para isso, foram utilizados os instrumentos: Inventário de Ansiedade de Beck (BAI), Escala de Desesperança de Beck (BHS), Inventário de Depressão de Beck-II (BDI-II), Escala de Autoestima de Rosenberg e Inventário de Personalidade Narcisista (NPI). Como resultado, obteve-se correlação positiva entre narcisismo e autoestima, entre ansiedade e depressão, e entre depressão e desesperança, além de correlação negativa entre ansiedade e desesperança e entre depressão e autoestima. Fazendo-se um recorte a partir do narcisismo, as autoras surpreenderam-se por terem encontrado resultados que fugiram do que previam: as características narcísicas se mostraram correlacionadas positivamente com aspectos da personalidade considerados positivos (autoestima) e não com sintomas depressivos e ansiosos.

Enfim, pode-se perceber uma escassez de estudos nacionais que se propõem a relacionar o uso da internet e características narcísicas da personalidade, especialmente no

caso de utilização de instrumentos quantitativos. Portanto, o presente estudo visa a contribuir para uma maior compreensão de tais temas dentro do contexto brasileiro, a partir de um estudo descritivo e exploratório.

É importante ressaltar que, neste estudo, o narcisismo e o uso de internet serão considerados em sua abrangência, a fim de realizar comparações amplas, e não necessariamente em condição de diagnóstico clínico. Porém, para que estas características pudessem ser medidas, foram utilizados instrumentos específicos usualmente utilizados em estudos quantitativos sobre os temas.

Além disso, o presente estudo ampliará os conhecimentos a respeito da dependência de internet e características narcísicas em jovens, podendo, assim, fornecer subsídios para a prática clínica em Psicologia, uma vez que correspondem a aspectos que ajudam a entender melhor a subjetividade contemporânea. Mais ainda, sendo um estudo descritivo e exploratório, permitirá a obtenção de um bom levantamento de dados para futuros estudos da área à qual pertence a pesquisadora.

Em resumo, o advento da internet certamente revolucionou as relações sociais como nunca antes. Esta pode ser considerada como uma imensa fonte de prazer imediato, acessível e onipresente, tornando-se um fenômeno sociocultural cada vez mais presente na vida cotidiana por todo o mundo. Com ela, há a possibilidade de acessar instantaneamente qualquer coisa: redes de comunicação, jogos, filmes, curiosidades, mercadorias etc. A hipótese do presente estudo é a de que o uso de internet incentiva o hedonismo e o individualismo narcísico. Assim, espera-se que as pessoas que a utilizem mais sejam aquelas que contenham mais características narcísicas da personalidade.

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo geral: Investigar o uso de internet e características narcísicas da personalidade em estudantes universitários.

4.2 Objetivos específicos:

- Caracterizar estudantes universitários quanto ao uso de internet;
- Caracterizar estudantes universitários quanto a traços narcísicos da personalidade;
- Verificar a existência de uma possível correlação entre características narcísicas da personalidade e o uso de internet;
- Realizar comparações dos resultados entre grupos, segundo o sexo (masculino/feminino) e a área do curso (humanas/biológicas/exatas) dos participantes.

5 MÉTODO

5.1 Delineamento

O presente estudo trata-se de uma pesquisa descritiva, de natureza quantitativa, assumindo um delineamento correlacional.

5.2 Local

A pesquisa foi conduzida em uma universidade pública do interior paulista, a qual possui 19 cursos de graduação e oferece aproximadamente 950 vagas anualmente.

5.3 Participantes

O estudo teve como participantes 106 estudantes universitários matriculados no primeiro ou segundo anos dos diversos cursos de graduação da universidade em questão, com idade média de 20,41 anos. A escolha por jovens universitários dessa faixa etária deve-se à facilidade de acesso da pesquisadora com essa população, tratando-se então de uma amostra de conveniência. Além disso, os jovens são um público que geralmente está bastante conectado ao mundo virtual.

5.4 Instrumentos

Foram utilizados os instrumentos autoaplicáveis Questionário Sociodemográfico (**Apêndice A**), Teste de Dependência de Internet (*Internet Addiction Test*, IAT) (**Apêndice B**)

e o Inventário de Personalidade Narcisista (*Narcissistic Personality Inventory*, NPI-16) (Apêndice C).

5.4.1 Questionário Sociodemográfico

Trata-se de um mapeamento de dados como sexo, idade, estado civil, escolaridade, área do curso de graduação (Ciências Humanas, Ciências Biológicas e Ciências Exatas), entre outros; elaborado pela própria pesquisadora. O questionário contém também perguntas sobre alguns hábitos da rotina vivida pelos participantes.

5.4.2 Teste de Dependência de Internet (IAT)

Trata-se de um questionário com 20 itens que mede a extensão do envolvimento da pessoa com o computador (YOUNG, 2011). Baseia-se em uma escala *Likert* de cinco pontos: 0 – “não se aplica”, 1 – “raramente”, 2 – “às vezes”, 3 – “frequentemente”, 4 – “muito frequentemente”, 5 – “sempre”. O teste deve ser respondido considerando apenas o tempo passado *online* por outros motivos que não estudo ou trabalho, ou seja, deve ser considerado apenas o uso recreativo. O escore total é resultado da soma dos itens individuais, podendo classificar o nível de dependência em: 0 a 30 pontos – intervalo normal, 31 a 49 pontos – dependência leve, 50 a 79 pontos – dependência moderada, 80 a 100 pontos – dependência grave (YOUNG, 2011). O IAT é o primeiro instrumento validado para a avaliação da dependência de internet. Sua primeira validação foi realizada por Widyanto e McMurren (2004), nos Estados Unidos. O teste também foi validado na Itália e na França; porém não foi validado no Brasil.

Assim, foi utilizada uma versão adaptada ao contexto brasileiro desenvolvida por Conti et al. (2012). Trata-se de uma adaptação transcultural do IAT para o idioma português cuja construção consistiu em cinco etapas: tradução; retradução; revisão técnica e avaliação da equivalência semântica por profissionais da área; avaliação do instrumento por uma amostra de estudantes, avaliando-se o seu grau de compreensão; e análise da consistência interna por meio do coeficiente alfa de Cronbach. Enfim, o instrumento foi traduzido e adaptado, e demonstrou ser facilmente compreendido, apresentando valor de consistência interna de 0,85; considerada satisfatória.

5.4.3 Inventário de Personalidade Narcisista (NPI)

Trata-se de um questionário de autorrelato com 16 itens que mede o narcisismo como uma característica de personalidade. Foi elaborado por Ames et al. (2006), com base no inventário de 40 itens de Raskin e Hall (RASKIN & HALL, 1979; RASKIN & TERRY, 1988), sendo uma versão reduzida deste. Cada item possui uma declaração narcisista e outra não narcisista. Os participantes devem escolher a afirmação que mais se aproxima à descrição dos seus sentimentos e crenças. Por exemplo:

1. () Eu não me importo em seguir ordens.
() Eu gosto de ter autoridade sobre as pessoas.

São pontuadas apenas as afirmações narcisistas segundo o protocolo. As pontuações possíveis variam de 0 a 16; quanto maior a pontuação, maior o narcisismo. O inventário não foi validado no Brasil. A tradução do mesmo foi realizada pela própria pesquisadora.

Apesar de o teste não ter sido validado no Brasil, Cozma et al. (2014) analisaram a medida do NPI-16 com relação a diferentes países, inclusive o Brasil, e com relação ao gênero, a fim de tentar amenizar a falta de pesquisas sobre generalização de medidas de narcisismo entre culturas e entre homens e mulheres. O estudo concluiu que o instrumento demonstra níveis satisfatórios de equivalência entre amostras dos Estados Unidos, Irã e Brasil, e entre os gêneros.

5.5 Procedimentos

5.5.1 Procedimento de coleta de dados

Primeiramente, o presente estudo foi enviado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da UNESP campus Bauru (CAAE: 77133317.6.0000.5398). Após a aprovação do projeto, foi dado início à pesquisa.

Com a devida autorização do docente responsável, a pesquisadora abordou e convidou pessoalmente uma turma de estudantes da universidade, informando-lhes a sala, data e horário marcados para a participação na pesquisa com aqueles que tivessem interesse. No dia marcado, apenas quatro estudantes compareceram. Os questionários foram aplicados normalmente. A aplicação durou aproximadamente 20 minutos. Devido à baixa adesão, a pesquisadora alterou a estratégia de coleta de dados. Foi enviado um e-mail a alguns professores, com o pedido de permissão para utilizar aproximadamente 20 minutos de sua aula para a realização da pesquisa com os alunos que desejassem participar.

Assim, nas datas combinadas com os professores, a pesquisadora fez o convite aos estudantes e aplicou os questionários. Antes de iniciar a pesquisa, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (**Anexo A**), de acordo com a Resolução nº 466/2012 do

Conselho Nacional de Saúde. O Questionário Sociodemográfico e os testes IAT e NPI-16 foram aplicados e foi informado que a pesquisadora estaria à disposição para dar um retorno àqueles estudantes que quisessem uma devolutiva sobre os instrumentos ou tirar quaisquer dúvidas.

5.5.2 Procedimento de análise de dados

Os dados foram analisados de acordo com os protocolos dos instrumentos utilizados. Além disso, eles foram organizados em banco de dados do programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 25, e submetidos à análise estatística descritiva e inferencial.

6 RESULTADOS

6.1 Apresentação dos dados

Participaram da pesquisa 106 estudantes universitários, sendo 58 estudantes do sexo masculino e 48 do sexo feminino. A maioria dos estudantes (79%) se encontrava na faixa etária de 17 a 21 anos, 17% dos estudantes na faixa de 22 a 26 anos e apenas 4% tinha 27 anos ou mais. A média das idades foi de 20,41 anos. Além disso, 58 estudantes eram pertencentes à área de Humanas, 26 de Biológicas e 22 de Exatas. Os dados sociodemográficos completos podem ser observados na Tabela 3 abaixo:

Tabela 3 - Dados sociodemográficos dos participantes.

Item	Variável	N	Porcentagem
Sexo	Sexo masculino	58	54,72%
	Sexo feminino	48	45,28%
Faixa etária	17 a 21 anos	84	79,25%
	22 a 26 anos	18	16,98%
	27 anos ou mais	4	3,77%
Estado civil	Solteiro(a)	104	98,11%
	Casado(a)	1	0,94%
	Sem resposta	1	0,94%
Cor/etnia	Branco(a)	89	83,96%
	Negro(a)	3	2,83%
	Pardo(a)	9	8,49%
	Amarelo(a)	3	2,83%
	Indígena	1	0,94%
	Sem resposta	1	0,94%
Escolaridade	Ensino superior incompleto	100	94,34%
	Ensino superior completo	4	3,77%
	Curso técnico	2	1,89%
Área do curso	Humanas	58	54,72%
	Biológicas	26	24,53%
	Exatas	22	20,75%
Ocupação	Exclusivamente estudante	94	88,68%
	Possui mais outra ocupação	12	11,32%
Religião	Católica	19	17,92%
	Protestante e/ou evangélica	11	10,38%
	Espírita	9	8,49%
	Umbanda ou candomblé	2	1,89%

	Sem religião	58	54,72%
	Outra	7	6,60%
Renda mensal familiar	Até 2 salários mínimos	6	5,66%
	De 2 a 5 salários mínimos	45	42,45%
	De 5 a 10 salários mínimos	38	35,85%
	De 10 a 30 salários mínimos	16	15,09%
	Mais de 30 salários mínimos	1	0,94%
	Nenhuma renda	0	0,00%
Condição financeira	Não trabalha e os custos são custeados	90	84,91%
	Trabalha e é independente	9	8,49%
	Trabalha e não é independente	7	6,60%
	Trabalha e sustenta a família	0	0,00%
Mora com quem?	Sozinho(a)	15	14,15%
	Pai e/ou mãe	15	14,15%
	Pai e/ou mãe e irmão(s)	20	18,87%
	Esposa/marido/companheiro(a)	3	2,83%
	Esposa/marido/companheiro(a) e filho(s)	1	0,94%
	Amigo(s)/colega(s)	49	46,23%
	Outro	3	2,83%
Mora com quantos? (incluindo o participante)	Sozinho(a)	15	14,15%
	2 pessoas	25	23,58%
	3 pessoas	28	26,42%
	4 pessoas	14	13,21%
	5 pessoas	13	12,26%
	Mais de 5 pessoas	11	10,38%

Fonte: a autora.

Os dados mostram que a grande maioria dos estudantes possui como características: solteiro(a), branco(a), idade entre 17 e 21 anos, com ensino superior incompleto e sem religião. Além disso, a maioria é exclusivamente estudante, não trabalha e tem seus custos custeados.

O questionário sociodemográfico também continha perguntas sobre alguns hábitos da rotina dos participantes, os quais estão apresentados na Tabela 4 a seguir. Nesta, os dados não somam 100% pois os estudantes podiam escolher mais de uma categoria por pergunta.

Tabela 4 - Dados sobre hábitos da rotina dos participantes.

Item	Variável	N	Porcentagem
Principais atividades realizadas no tempo livre	TV	16	15,09%
	Teatro	0	0,00%
	Cinema	16	15,09%
	Música	36	33,96%
	Bares	16	15,09%
	Leitura	45	42,45%
	Internet	90	84,91%
	Esportes	13	12,26%
	Religião	2	1,89%
	Outra	7	6,60%
Principais meios de informação	Jornal escrito	4	3,77%
	TV	17	16,04%
	Rádio	3	2,83%
	Revistas	2	1,89%
	Internet	103	97,17%
	Nenhum	0	0,00%
	Outro	1	0,94%
Principais aplicativos utilizados no tempo conectado à internet	Aplicativos de comunicação	74	69,81%
	Vídeos/filmes	45	42,45%
	E-mail	17	16,04%
	Navegador	20	18,87%
	Mapas/GPS	4	3,77%
	Bancos	3	2,83%
	Jogos	25	23,58%
Uso de aplicativos na internet por dia	Não usa todos os dias	0	0,00%
	Uma vez	1	0,94%
	2 a 5 vezes	11	10,38%
	5 a 10 vezes	19	17,92%
	Mais de 10 vezes	75	70,75%

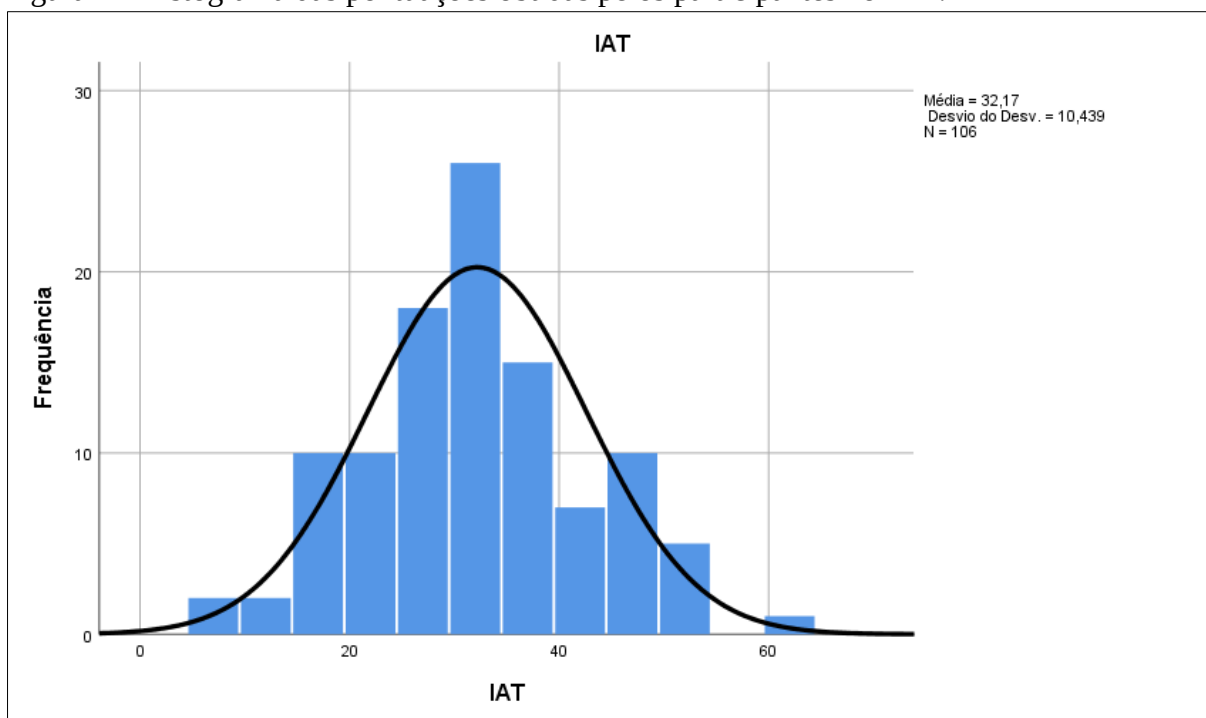
Fonte: a autora.

A partir da Tabela 4, pode-se perceber a internet como uma ferramenta muito utilizada pelos estudantes. Ela foi identificada como a principal atividade realizada no tempo livre, tendo sido escolhida por 84,91% dos estudantes, além de ser o meio de informação mais marcado, com 97,17%. Pode-se observar também que ninguém marcou a opção de não usar a internet todos os dias, ou seja, todos a utilizam pelo menos uma vez ao dia. A grande maioria (70,75%) revelou utilizá-la mais de 10 vezes por dia. Dentre os aplicativos utilizados quando conectados, os aplicativos de comunicação (troca de mensagens ou rede social) foram os mais

marcados pelos estudantes, com 69,81%, seguidos pelos vídeos/filmes (42,45%) e pelos jogos (23,58%).

A respeito do uso de internet, aplicou-se o Teste de Dependência de Internet (IAT). O histograma da distribuição das pontuações obtidas no IAT está apresentado na Figura 2.

Figura 2 - Histograma das pontuações obtidas pelos participantes no IAT.



Fonte: a autora; figura gerada pelo *software* SPSS 25.

Foi verificada uma média de 32,17 pontos, com desvio-padrão de 10,439. As classificações obtidas pelos participantes estão apresentadas na Tabela 5.

Tabela 5 - Classificações obtidas pelos participantes no IAT.

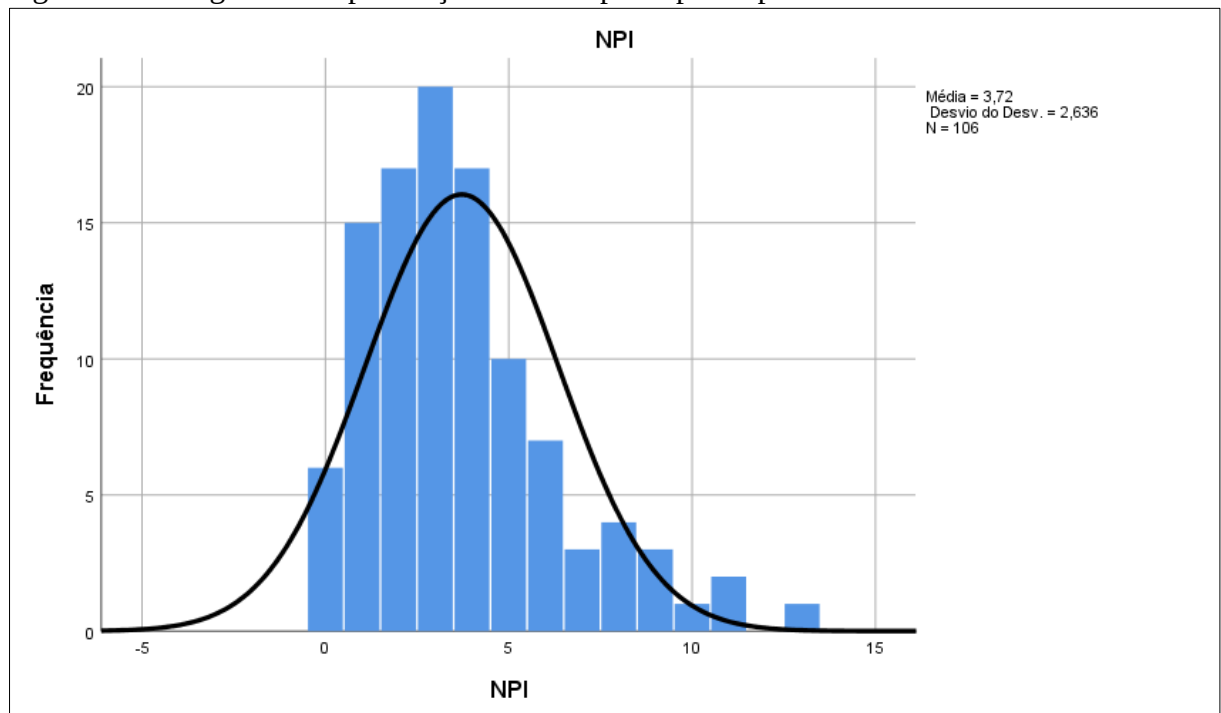
Classificação no IAT	N	Porcentagem
Intervalo normal (0 a 30 pontos)	48	45,28%
DI leve (31 a 49 pontos)	52	49,06%
DI moderada (50 a 79 pontos)	6	5,66%
DI grave (80 a 100 pontos)	0	0,00%

Fonte: a autora.

Nota-se que 45,28% dos estudantes permanecem no chamado intervalo normal; 49,06% foi classificada como tendo dependência leve e apenas 5,66% com dependência moderada, não havendo ninguém com dependência grave de internet.

Para verificar características narcísicas da personalidade, aplicou-se o Inventário de Personalidade Narcisista (NPI). As pontuações possíveis variam de 0 a 16; quanto maior a pontuação, maior o narcisismo. O histograma da distribuição das pontuações obtidas no NPI está apresentado na Figura 3.

Figura 3 - Histograma das pontuações obtidas pelos participantes no NPI.



Fonte: a autora; figura gerada pelo *software* SPSS 25.

A média obtida a partir das pontuações individuais dos estudantes no NPI foi de 3,72, com desvio-padrão de 2,636; sendo que mais da metade (54,72%) dos estudantes pontuou somente até 3.

6.2 Análise estatística dos dados

Para verificar se os valores obtidos nos instrumentos IAT e NPI estão correlacionados, é preciso realizar um teste estatístico de correlação. Porém, há vários testes que possuem tal objetivo. A escolha do teste adequado vai depender das características das amostras a serem analisadas.

Os testes estatísticos se dividem em dois tipos: testes paramétricos e testes não-paramétricos. Utilizam-se os testes paramétricos quando a amostra em questão apresenta dados que se aproximam de uma distribuição normal; caso contrário, utilizam-se os não-paramétricos. Portanto, antes de realizar qualquer teste, deve-se verificar se a amostra se assemelha a uma distribuição normal ou não.

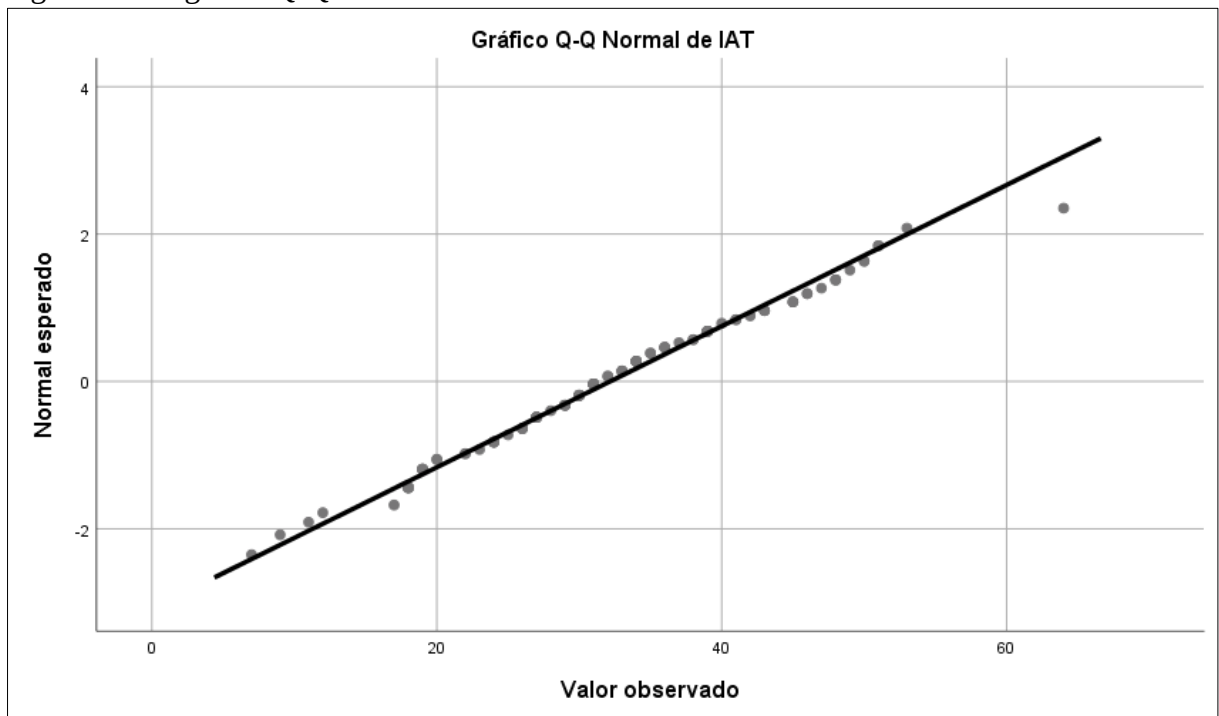
6.2.1 Teste de normalidade

Há testes específicos que fazem tal verificação, informando se a distribuição se desvia de uma distribuição normal modelo. O teste de Kolmogorov-Smirnov (K-S) faz justamente isso: compara escores de uma amostra a uma distribuição normal modelo de mesma média e variância dos valores encontrados na amostra. Se o teste é não-significativo ($p > 0,05$), ele informa que os dados da amostra não diferem significativamente de uma distribuição normal. Se o teste é significativo ($p < 0,05$), a distribuição se revela significativamente diferente de uma distribuição normal, isto é, ela é não-normal.

O resultado do teste K-S para a distribuição do IAT foi 0,200 e para a distribuição do NPI foi 0,000. Ou seja, os dados obtidos na escala IAT podem ser considerados normais, enquanto os dados obtidos na escala NPI não o podem. Essa conclusão também pode ser tirada a partir da análise do diagrama Q-Q normal.

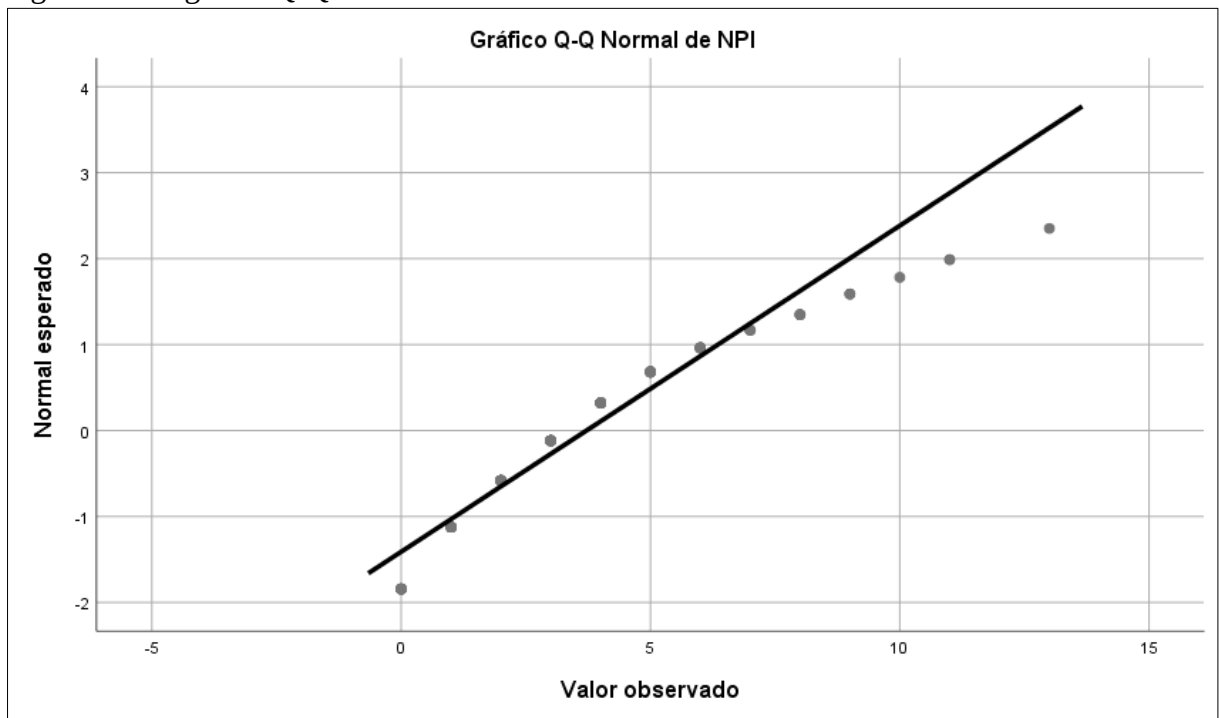
O diagrama Q-Q normal traça os valores que se espera obter se uma distribuição fosse normal (valores esperados) contra os valores realmente vistos nos dados (valores observados). Os valores esperados são uma linha reta na diagonal do primeiro quadrante do sistema de coordenadas, onde os valores observados (os pontos) devem cair exatamente ou bem próximos da linha, o que significaria que estes são os mesmos que se esperaria obter de um conjunto normalmente distribuído. As Figuras 4 e 5 apresentam os diagramas dos escores obtidos no IAT e no NPI, respectivamente.

Figura 4 - Diagrama Q-Q normal dos escores obtidos no IAT.



Fonte: a autora; figura gerada pelo *software* SPSS 25.

Figura 5 - Diagrama Q-Q normal dos escores obtidos no NPI.



Fonte: a autora; figura gerada pelo *software* SPSS 25.

Na Figura 4, percebe-se que os valores observados estão próximos da linha, portanto, os dados obtidos no IAT podem ser considerados normais. Enquanto a Figura 5 confirma que os dados obtidos no NPI sejam não-normais, porque os pontos se desviam da linha. Tal desvio da normalidade informa que não se pode utilizar um teste paramétrico, pois a hipótese de normalidade não se verifica. Assim, não sendo atingidas as exigências dos testes paramétricos em ambas as amostras, decidiu-se realizar um teste de correlação não-paramétrico.

6.2.2 Teste de correlação

Conforme proposto no objetivo geral do presente estudo, foi testada a possibilidade de existência de correlação entre os valores obtidos nos instrumentos IAT e NPI. Como não se pode garantir que a distribuição dos dados coletados seja normal, foi

realizado o teste estatístico não-paramétrico ρ de Spearman, uma vez que os testes não-paramétricos não exigem condições dos dados. O resultado deste teste pode variar de -1 a 1: o valor -1 indica uma correlação negativa perfeita, o valor 1 indica uma correlação positiva perfeita e o valor 0 indica uma não-correlação.

O resultado obtido pelo teste ρ de Spearman foi de 0,085; sendo muito próximo de zero. Isto indica que não existe uma relação entre as variáveis apresentadas. Portanto, o uso de internet e as características narcísicas da personalidade revelam não estarem relacionados neste estudo.

6.2.3 Comparações entre os grupos

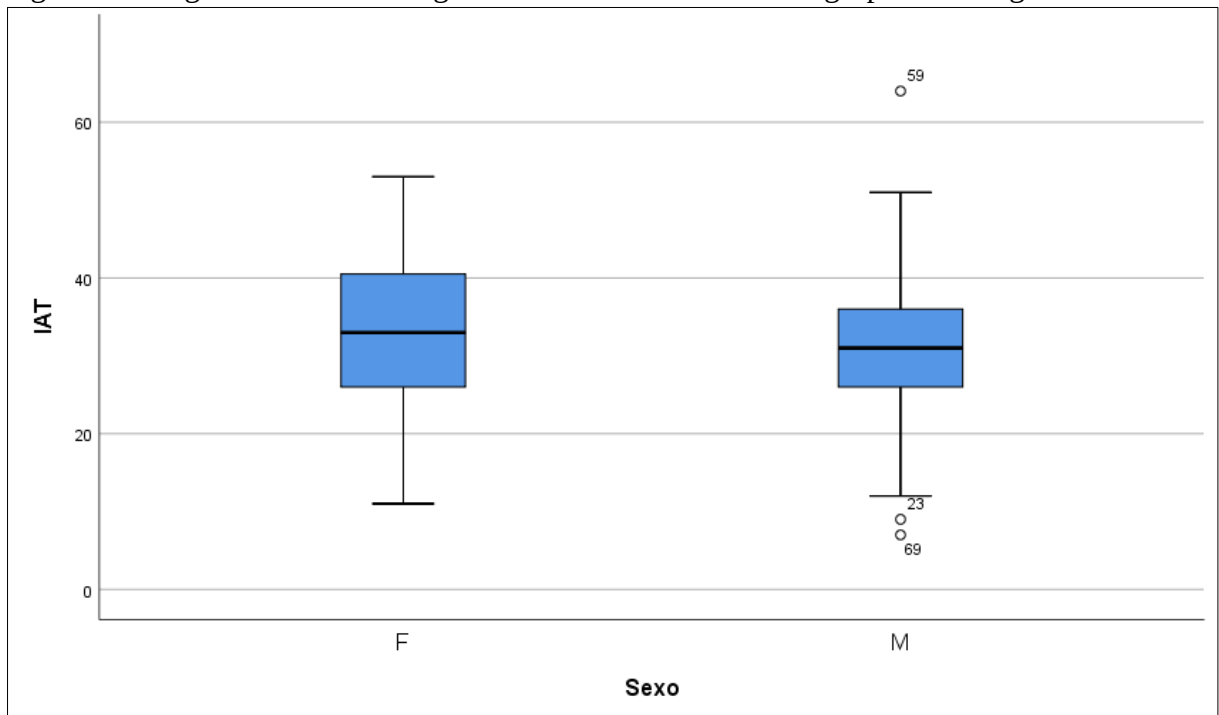
Os dados encontrados nos testes IAT e NPI, sobre o uso de internet e características narcísicas da personalidade respectivamente, foram comparados em diferentes grupos: segundo o sexo (masculino/feminino) e segundo a área do curso (humanas/biológicas/exatas). Para isso, realizou-se o Teste de Kruskal-Wallis, também não-paramétrico.

A decisão do teste foi reter a hipótese nula de que a distribuição do IAT é a mesma entre a categoria sexo e também entre a categoria área do curso. O mesmo foi verificado com relação à distribuição do NPI. Ou seja, as distribuições dos grupos dos homens e das mulheres, em ambos os testes, podem ser consideradas iguais. Assim como as distribuições dos estudantes pertencentes às áreas de humanas, biológicas e exatas também se mostram semelhantes. Enfim, não há diferença significativa entre tais resultados comparando-se o sexo e a área do curso dos participantes.

Outra forma de visualizar tal comparação de distribuições entre grupos é olhar para os diagramas de caixa e bigodes, apresentados nas Figuras 6 a 9. O diagrama mostra o

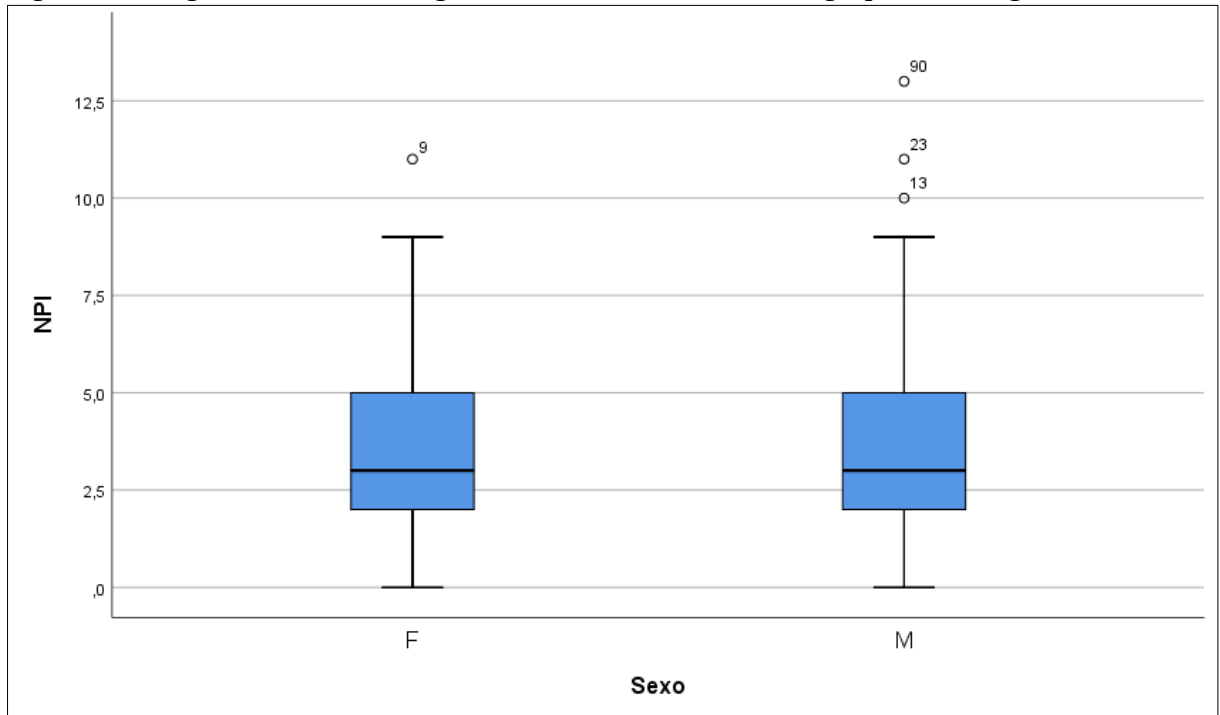
intervalo dos dados. As linhas horizontais inferior e superior indicam o menor e o maior escore, respectivamente; a caixa representa 50% dos valores do meio do conjunto e a linha mais grossa representa a mediana. Os círculos acima e abaixo dos bigodes representam valores atípicos (acompanhados do número do caso).

Figura 6 - Diagrama de caixa e bigodes dos escores no IAT dos grupos da categoria sexo.



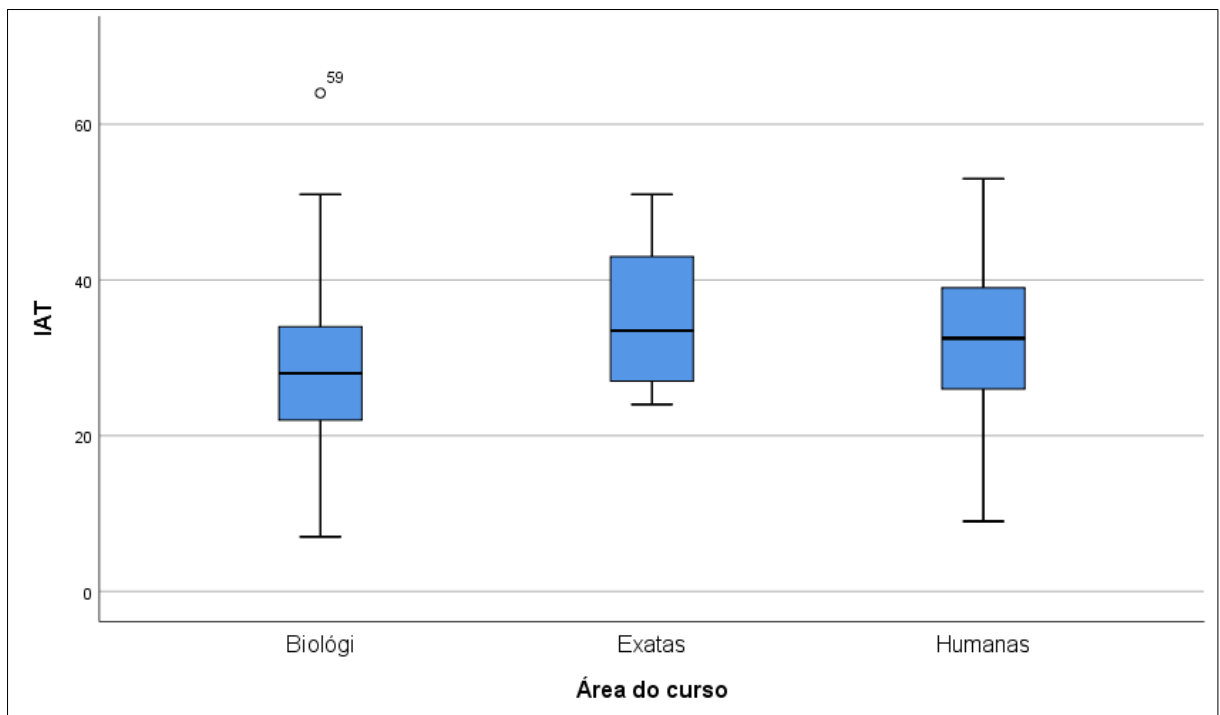
Fonte: a autora; figura gerada pelo *software* SPSS 25.

Figura 7 - Diagrama de caixa e bigodes dos escores no NPI dos grupos da categoria sexo.



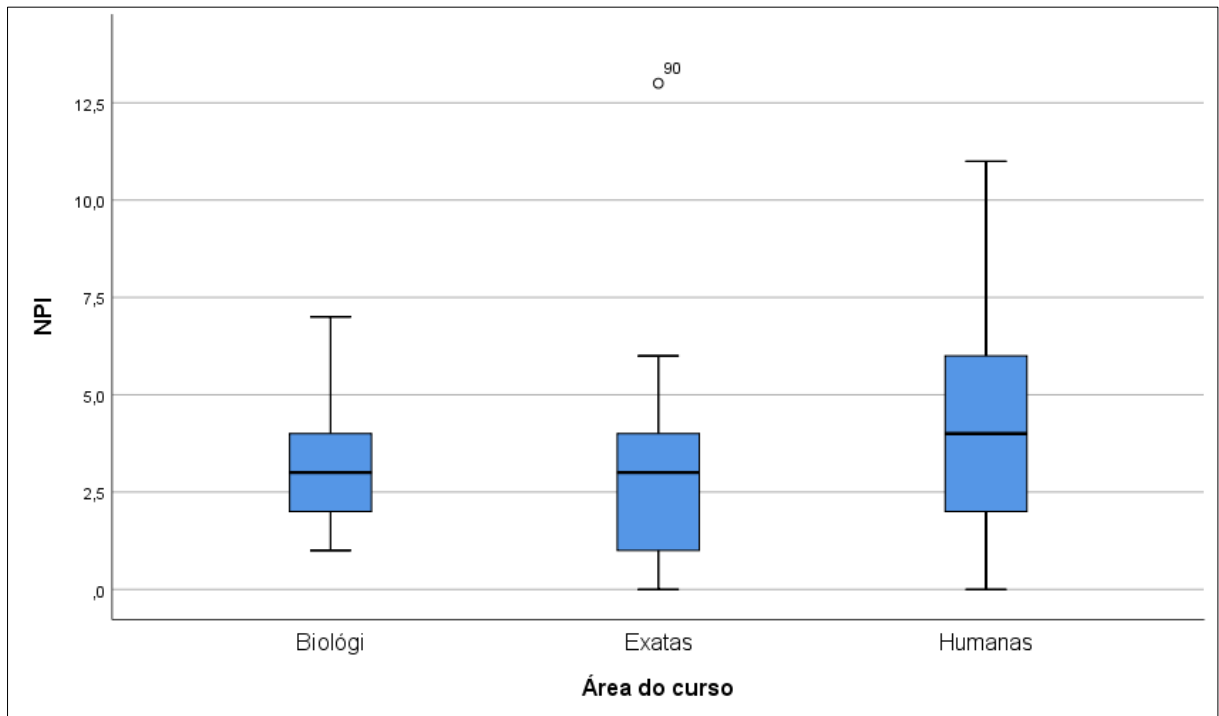
Fonte: a autora; figura gerada pelo *software* SPSS 25.

Figura 8 - Diagrama de caixa e bigodes dos escores no IAT dos grupos da categoria área do curso.



Fonte: a autora; figura gerada pelo *software* SPSS 25.

Figura 9 - Diagrama de caixa e bigodes dos escores no NPI dos grupos da categoria área do curso.



Fonte: a autora; figura gerada pelo *software* SPSS 25.

Percebem-se distribuições semelhantes entre os grupos F (feminino) e M (masculino) quanto aos escores nos testes, e também entre os grupos de Biológicas, Humanas e Exatas. Como conclusão, homens e mulheres mostraram-se semelhantes com relação ao uso de internet e às características narcísicas da personalidade. Do mesmo modo, estudantes das diferentes áreas do conhecimento não se diferiram significativamente quanto aos aspectos mencionados.

7 DISCUSSÃO

Para um melhor entendimento quanto aos resultados encontrados no presente estudo, é importante relembrar os estudos nacionais que também mediram o uso da internet e as características narcísicas da personalidade, separadamente, com os instrumentos aqui utilizados (IAT e NPI); uma vez que não foi encontrado nenhum estudo brasileiro que tenha utilizado ambos. Então começemos pelos resultados dos estudos que utilizaram o IAT, os quais dizem respeito ao uso/dependência de internet.

Como já fora comentado, no estudo de Della Méa, Biffe e Thomé Ferreira (2016), foi investigado o uso da internet e sua relação com sintomas depressivos e de ansiedade em 150 estudantes de ensino médio, com idades entre 15 e 17 anos. Quanto aos escores no IAT, verificou-se que 38,67% dos adolescentes permaneceram no intervalo normal, enquanto 35,33% foram classificados com dependência leve e 26% com dependência moderada de internet. A média das pontuações foi de 36,94 pontos, o que, de maneira geral, indica a presença de apenas sintomas leves de uso.

Já no estudo de Terres-Trindade e Mosmann (2016), foi comparado o uso da internet com a relação entre pais e filhos. Participaram da pesquisa 200 jovens com idades entre 15 e 24 anos. Quanto à pontuação no IAT, 89% dos jovens se mantiveram na faixa não-clínica e apenas 11% foram classificados com dependência leve ou moderada. A pontuação média no IAT foi de 23 pontos.

Terroso e Argimon (2016) realizaram um estudo com 482 estudantes, com idades entre 12 e 18 anos, a fim de verificar a relação entre a dependência de internet e as habilidades sociais. Como resultado, 98,2% dos participantes afirmaram fazer uso da internet, tendo como atividade predominante o uso de redes sociais (79,2%); e 20,7% foram considerados como

dependentes. O estudo não forneceu uma especificação mais detalhada a respeito das classificações de DI segundo o IAT.

Por fim, Loredó e Silva et al. (2018) investigaram o uso de *smartphones*, a dependência de internet e suas repercussões na aprendizagem de alunos de medicina. Foram coletados dados de 710 estudantes, com idade média de 22,11 anos. Dentre os resultados, foi observado que quase todos os alunos (98,7%) tinham um *smartphone*, os quais relataram usá-lo principalmente para acessar redes sociais e para efetuar ou receber chamadas telefônicas/e-mails. Os aplicativos mais utilizados foram os de mensagens instantâneas, despertadores e navegadores. A pontuação média no teste IAT foi de 46,27 pontos; tendo sido 31,8% dos estudantes considerados pelos autores como usuários de internet “não-problemáticos”, e 68,2% como usuários “problemáticos” (64,6% com problemas frequentes e apenas 3,6% com problemas significativos que impactam a rotina diária). Tal estudo também não forneceu uma especificação mais detalhada a respeito das classificações de DI segundo o IAT.

Como pode ser observado, estes quatro estudos tinham como objetivo verificar correlações entre a dependência de internet com outras variáveis, porém nem todos esclareceram detalhadamente os resultados dos participantes obtidos no teste IAT. Ainda assim, podemos perceber que os estudantes costumam fazer grande uso da internet, especialmente de redes sociais, porém eles ou permanecem na faixa não-clínica de dependência ou apresentam poucos sintomas, revelando pontuações médias no IAT consideradas baixas.

Resultados semelhantes foram encontrados no presente estudo. Foram coletados dados de 106 estudantes universitários com idade média de 20,41 anos. A pontuação média atingida no teste IAT foi de 32,17 pontos. 45,28% dos estudantes ficaram na faixa não-clínica de DI, 49,06% foram classificados como dependentes leves e apenas 5,66% como dependentes moderados, não havendo nenhuma pontuação suficiente para DI grave. Além

disso, o aplicativo mais utilizado pelos estudantes foram os aplicativos de comunicação (troca de mensagens ou rede social), tendo sido selecionado por 69,81% dos jovens; confirmando a preferência pelo uso específico da internet com mídias sociais assim como revelado nos estudos de Terroso e Argimon (2016) e Loredo e Silva et al. (2018).

Por fim, algumas observações fazem-se necessárias diante destes resultados, pois é fundamental que as medidas reveladas no teste sejam acompanhadas de interpretações cuidadosas, e não estigmatizantes. Os resultados na escala IAT revelam que 45,28% dos estudantes foram classificados dentro do intervalo normal; 49,06% foram classificados como tendo DI leve e 5,66% como tendo DI moderada. Porém, tal resultado nos leva ao questionamento do que realmente deve ser considerado como dependência, a fim de evitar uma patologização descuidada.

Considerando que hoje em dia quase todas as atividades rotineiras podem ser feitas pela internet, este meio de comunicação se tornou muito presente e comum na vida de todas as pessoas que conhecemos. A conexão é a modernização das relações, é a adaptação da contemporaneidade para interagir e se comunicar. As relações virtuais tornam-se, cada vez mais, tão concretas quanto as reais. Sendo assim, os estudantes que se mostraram no intervalo normal do teste e os que obtiveram DI leve podem ser considerados semelhantes e, portanto, todos bastante comuns e “normais” na sociedade atual. Até mesmo a DI moderada pode ser vista como um uso mais intenso, mas não necessariamente uma dependência (que é tida como sendo algo claramente prejudicial para o indivíduo em âmbitos pessoal, profissional etc). A dependência de internet geralmente se evidencia quando a pessoa tem sintomas como inquietação ou irritação por estar *offline* e/ou sentimento de necessidade de passar mais tempo conectado, como já foi comentado na descrição do Transtorno do Jogo pela Internet (também referido como Adicção à Internet) do DSM-5.

No que concerne ao teste NPI, foi encontrado um estudo brasileiro que o utilizou; porém, as autoras Langaro e Benetti (2014) optaram por uma versão mais antiga de 54 itens, com pontuação variando de 0 a 54 pontos. Trata-se de um estudo correlacional em que foram investigadas as características de narcisismo, depressão, ansiedade, desesperança e autoestima em 350 jovens adultos universitários. A pontuação média no NPI foi de 12,60 pontos, a qual foi considerada baixa. Além disso, assim como no presente estudo, as autoras realizaram comparações estatísticas entre grupos: segundo o sexo dos participantes (masculino/feminino) e segundo a área do curso (ciências humanas/ciências da saúde/ciências exatas), a partir do teste t de Student. Verificou-se que a média apresentada pelos homens foi significativamente superior à média apresentada pelas mulheres em relação ao escore total do NPI. Com relação aos cursos, foi revelado que os estudantes universitários dos cursos de ciências exatas apresentaram escores de narcisismo mais elevados do que os estudantes das demais áreas.

Apesar de terem sido utilizadas versões distintas no teste NPI, tanto o estudo de Langaro e Benetti (2014) quanto o presente estudo apresentaram pontuações baixas. No presente estudo, foi utilizado o NPI-16 e, como resultado, foi observada uma média de apenas 3,72 pontos. De forma semelhante, em um estudo realizado na Turquia (ODACI & ÇELIK, 2013), os autores aplicaram o NPI-16 em 424 estudantes universitários e obteve-se uma pontuação média de 5,81 pontos, também considerada baixa. Foram encontrados outros estudos internacionais que utilizaram o NPI-16, porém estes não divulgaram as pontuações médias específicas de cada teste, impossibilitando então uma comparação.

O principal resultado do presente estudo foi a não-correlação entre o uso de internet e o narcisismo. Para discutirmos este resultado, serão comentadas, mais detalhadamente, algumas pesquisas correlacionais internacionais que também se propuseram a investigar tais aspectos.

Ainda no estudo de Odaci e Çelik (2013), além do narcisismo e outras variáveis, os autores também investigaram o “uso problemático da internet”, cuja medida foi gerada através de um questionário chamado *Problematic Internet Use Scale* (CEYHAN et al., 2007, citados por ODACI & ÇELIK, 2013), a fim de verificar correlações. Chegou-se à conclusão de que o uso problemático da internet estava relacionado às características de agressividade e timidez, mas não às características de solidão, autopercepção e narcisismo. Este resultado se assemelha ao resultado de não-correlação entre o uso de internet e características narcísicas revelada no presente estudo.

Na Alemanha, pesquisadores realizaram um estudo a fim de verificar se a atividade excessiva de atualização do *status* no *Facebook* é motivada por narcisismo (DETERS, MEHL & EID, 2014). Primeiramente, 296 usuários desta rede social responderam a um curto questionário *online* em que era perguntado se eles achavam que pessoas narcisistas postavam menos, igual ou mais que pessoas não-narcisistas. Somente 4% consideravam que narcisistas postam menos; 14% não esperavam nenhuma relação e 82% consideravam que narcisistas postam mais. Além disso, outra coleta de dados foi feita com duas amostras de usuários, uma alemã (209 participantes) e uma norte-americana (153 participantes), a respeito de suas postagens e características narcísicas da personalidade. Foi pedida a autorização para acessar e coletar dados de suas páginas do *Facebook* e também foram aplicados questionários, dentre eles o teste NPI-16 e uma versão alemã do NPI com 15 itens (SCHÜTZ et al., 2004, citados por DETERS, MEHL & EID, 2014). Em ambas as coletas, os dados revelaram não haver correlação significativa entre as características narcísicas e o número de postagens. Em síntese, apesar de a perspectiva leiga acreditar que existe relação entre narcisismo e a alta frequência de postagens no *Facebook*, os valores obtidos a partir das análises não corroboraram tal suposição generalizada. Ou seja, tal resultado nulo surpreende ainda mais que o resultado de não-correlação encontrado no presente estudo; uma vez que as redes

sociais representam uma atividade virtual específica na qual se esperam maiores manifestações narcísicas, e isso não se evidenciou.

Por outro lado, uma das maiores pesquisas desse assunto, realizada por Andreassen, Pallesen e Griffiths (2017), na Noruega, mostra resultados diferentes. Foi investigada a relação entre dependência de mídias sociais, narcisismo e autoestima. Utilizaram-se os testes BSMAS (*Bergen Social Media Addicton Scale*) - uma versão modificada da BFAS (*Bergen Facebook Addiction Scale*) (ANDREASSEN et al., 2012, citados por ANDREASSEN et al., 2017) -, o NPI-16 (AMES et al., 2006, citados por ANDREASSEN et al., 2017) e o RSES (*Rosenberg Self-Esteem Scale*) (ROSENBERG, 1965, citado por ANDREASSEN et al., 2017). Participaram do estudo 23.532 noruegueses com idades entre 16 e 88 anos (idade média de 35,8 anos). A amostra abrangeu pessoas de diversos níveis de escolaridade (10,0% de escola primária; 25,3% de ensino médio; 17,0% de escola profissional/técnica; 32,4% de ensino superior; 14,2% de ensino superior com mestrado e 1,2% de ensino superior com doutorado), sendo que apenas 21,1% eram estudantes no momento da coleta de dados. Obtiveram pontuações significativamente maiores na escala BSMAS: as mulheres, os(as) mais jovens (16 a 25 anos), os(as) solteiros(as), os(as) de escola primária e os(as) estudantes. A dependência de mídias sociais foi positivamente correlacionada com o narcisismo. Porém, é importante considerar que, no estudo norueguês em questão, caracterizado por uma grande amostra, a correlação ainda assim revelou-se fraca.

Enfim, de forma geral, podemos concluir que o uso da internet entre jovens universitários é muito grande, conforme prevíamos. Analisando-se os dados obtidos pelo Questionário Sociodemográfico, foi verificado que a maioria dos estudantes (70,75%) relatou utilizar a internet mais de 10 vezes por dia. Além disso, ninguém marcou a opção de não usar a internet todos os dias, isto é, todos a utilizam pelo menos uma vez ao dia. A internet já se

tornou atividade rotineira. Podemos observar também, ainda a partir do questionário, que esta se mostrou como a maior atividade realizada pelos estudantes no tempo livre (84,91%), além de ter sido a mais escolhida como meio de informação (97,17%). Observando mais de perto, confirmamos o intenso uso específico das redes sociais, uma vez que os aplicativos de comunicação (troca de mensagens ou rede social) foram os mais presentes nas respostas dos estudantes (69,81%).

Já com relação à dependência de internet e às características narcísicas da personalidade, os escores obtidos pelos diferentes grupos (homens/mulheres; ciências humanas/biológicas/exatas) não diferiram estatisticamente de forma significativa no presente estudo. Encontramos pontuações médias consideradas baixas tanto no teste IAT (32,17 pontos de um alcance de 100) quanto no NPI (3,72 pontos de um alcance de 16). Os estudantes estão constantemente conectados, porém não apresentam sintomas de dependência que chamem nossa atenção nem se destacam nas características narcísicas.

Tais resultados nos levam a refletir se o grande uso da internet resulta obrigatoriamente na dependência desta e em níveis elevados de narcisismo. O presente estudo chegou à conclusão de que tais relações não se confirmam tão facilmente como se esperava. Foi realizado o teste de correlação ρ de Spearman com os escores obtidos no IAT e no NPI. O valor gerado foi baixo, muito próximo de zero; o que salienta o fato de que o uso de internet e as características narcísicas da personalidade não estejam relacionados neste estudo.

Em síntese, medir fenômenos tão complexos como o narcisismo e o uso de internet parece ser uma tarefa muito mais complicada do que se imagina e, apesar do objetivo de tentar verificar correlações, há uma considerável probabilidade de que realmente nenhuma correlação se revele consistente. Por vezes, quando encontradas as correlações, estas geralmente não apresentam grande força. Pode haver uma linha tênue entre o que é narcísico e o que já não o é, nesse mundo conectado atual. As relações se confundem: estar conectado

pode significar estar voltado para o mundo assim como pode significar estar voltado para si mesmo. Enfim, vidas *online* e *offline* se misturam facilmente. As pessoas utilizam a internet de diferentes maneiras, por motivos variados e com finalidades distintas, os quais são aspectos de difícil revelação e mensuração.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de a realidade virtual ser um acontecimento global muito complexo, recente e passível de múltiplas interpretações; em geral, psicólogos, filósofos e sociólogos já acreditam que esta nova forma de realidade trouxe consequências irreversíveis para a subjetividade contemporânea, uma vez que transformou total e brutalmente o modo de ser e estar no mundo.

Este estudo traz como contribuição a aproximação de uma melhor compreensão sobre esse tema ainda pouco estudado no Brasil: a relação do sujeito pós-moderno com a realidade virtual do ciberespaço, sendo a internet o principal meio para essa experiência. Além disso, de modo geral, a partir da análise entre o eu e o outro, entre alteridade e identidade dentro da virtualidade, pode-se contribuir para a atuação em diferentes âmbitos, tais como o clínico, o social e o educacional.

Trata-se de um estudo que permite muitas reflexões e uma suave conclusão: devem ser evitadas as generalizações e simplificações. É preciso tomar cuidado com tentativas de tornar homogêneas questões tão diversas como as tratadas aqui. Toda essa discussão em torno da cultura do narcisismo e do uso de tecnologias ainda é muito recente, necessitando ser mais desenvolvida; e os instrumentos, aprimorados e adaptados ao contexto atual. Esse campo de pesquisa ainda está muito incipiente e os limites entre as diversas considerações sobre o sujeito (narcísico x não narcísico, dependente de internet x não dependente de internet) estão por se estabelecer. Não é tão simples realizar uma correlação automática entre o uso de internet e o narcisismo.

Além disso, deve-se levar em conta uma limitação presente neste estudo: decidiu-se por estudar uma amostra com estrato específico – estudantes universitários jovens –, o que acaba representando um recorte relevante dos fenômenos a serem estudados.

Como sugestão para o desenvolvimento de futuras pesquisas nessa área, poder-se-ia buscar diminuir tal restrição amostral ampliando o estudo para diferentes faixas etárias (crianças, adolescentes e adultos) e/ou diferentes contextos culturais (não somente o ambiente universitário).

Em suma, o presente estudo investigou o uso de internet e características narcísicas da personalidade em estudantes universitários, anunciando resultados nada previsíveis e bastante contra-intuitivos. Os jovens, mesmo sendo grandes usuários da internet, não confirmaram o estereótipo de dependente nem de narcísico. Além disso, tais características não se mostraram correlacionadas neste estudo. Tamanha imprevisibilidade nos leva à necessidade de explorar mais estes temas a fim de iluminar o caminho para novas pesquisas. É essencial manter um olhar abrangente para tais fenômenos para que possamos alcançar maiores conhecimentos, e assim, superar o senso comum e mitificações.

REFERÊNCIAS

- ABREU, C. N.; KARAM, R. G.; GÓES, D. S.; SPRITZER, D. T. Dependência de Internet e de jogos eletrônicos: uma revisão. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v.30, n.2, p.156-167, 2008.
- AMES, D. R.; ROSE, P.; ANDERSON, C. P. The NPI-16 as a short measure of narcissism. **Journal of Research in Personality**, v.40, p.440-450, 2006.
- ANDREASSEN, C. S.; PALLESEN, S.; GRIFFITHS, M. D. The relationship between addictive use of social media, narcissism, and self-esteem: Findings from a large national survey. **Addictive Behaviors**, v.64, p.287-293, 2017.
- ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-IV**. 4ª ed. Washington, D.C., 1994.
- ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-III**. 3ª ed. Washington, D.C., 1980.
- BARBOSA, M. K. Viver conectado, subjetividade no mundo contemporâneo. **Ide**, v.35, n.55, p.89-101, 2013.
- BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. (Trabalho original publicado em 1999)
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2015. **Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal**, p.1-90, 2015.
- BUFFARDI, L. E.; CAMPBELL, W. K. Narcissism and Social Networking Web Sites. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v.34, n.10, p.1303-1314, 2008.
- CONTI, M. A.; JARDIM, A. P.; HEARST, N.; CORDÁS, T. A.; TAVARES, H.; ABREU. Avaliação da equivalência semântica e consistência interna de uma versão em português do *Internet Addiction Test* (IAT). **Revista de Psiquiatria Clínica**, v.39, p.106-110, 2012.
- COZMA, I.; JAVADIAN, G.; GUPTA, V. K.; CANEVER, M. Narcissistic Personality Inventory: An Assessment of Measurement Equivalence across Countries and Gender. **The International Journal of Management and Business**, v.5, n.1, p.105-127, 2014.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. (Trabalho original publicado em 1967)

- DELLA MÉA, C., BIFFE, E.; THOMÉ FERREIRA, V. Padrão de uso de internet por adolescentes e sua relação com sintomas depressivos e de ansiedade. **Psicologia Revista. Revista da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde**, v.25, n.2, p.243-264, 2016.
- DETERS, F.; MEHL, M. R.; EID, M. Narcissistic power poster? On the relationship between narcissism and status updating activity on Facebook. **Journal of Research in Personality**, v.53, p.165-174, 2014.
- FREUD, S. Introdução ao narcisismo. In: _____. **Sigmund Freud: Obras Completas**. Tradução Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, v.12, p.13-50, 2010. (Trabalho original publicado em 1914)
- FREUD, S. Luto e Melancolia. In: _____. **Sigmund Freud: Obras Completas**. Tradução Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, v.12, p.170-194, 2010. (Trabalho original publicado em 1917)
- GALVÃO, T. F.; PANSANI, T. S. A.; HARRAD, D. Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v.24, n.2, p.335-342, 2015.
- GARCIA-ROZA, L. A. Artigos de metapsicologia. In: _____. **Introdução à metapsicologia freudiana**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, v.3, p.18-78, 2008.
- GUIMARÃES, L. M.; ENDO, P. C. A origem da palavra narcisismo. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v.17, n.3, p.431-449, 2014.
- HAROCHE, C. O sujeito diante da aceleração e da ilimitação contemporâneas. **Educação e Pesquisa**, v.41, n.4, p.851-862, 2015.
- HENDIN, H. M.; CHEEK, J. M. Assessing Hypersensitive Narcissism: A Reexamination of Murray's Narcism Scale. **Journal of Research in Personality**, v.31, n.4, p.588-599, 1997.
- KALLAS, M. B. L. M. O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise. **Reverso**, v.38, n.71, p.55-64, 2016.
- KONRATH, S.; MEIER, B. P.; BUSHMAN, B. J. Development and Validation of the Single Item Narcissism Scale (SINS). **PLOS ONE**, v.9, n.8, p.1-15, 2014.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. **Vocabulário de Psicanálise**. Direção Daniel Lagache. Tradução Pedro Tamen. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, p.287-291, 2001.
- LASCH, C. **A Cultura do Narcisismo: A vida americana numa era de esperanças em declínio**. Tradução Ernani Pavanelli. Rio de Janeiro: Imago, 1983. (Trabalho original publicado em 1979)
- LANGARO, F. N.; BENETTI, S. P. C. Subjetividade contemporânea: narcisismo e estados afetivos em um grupo de adultos jovens. **Psicologia Clínica**, v.26, n.2, p.197-215, 2014.

- LEITÃO, C. F.; NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Impactos da internet sobre pacientes: a visão de psicoterapeutas. **Psicologia em Estudo**, v.10, n.3, p.441-450, 2005.
- LEMOS, I. L.; CARDOSO, A.; SOUGEY, E. B. Validity and reliability assessment of the Brazilian version of the game addiction scale (GAS). **Comprehensive Psychiatry**, v.67, p.19-25, 2016.
- LEMOS, I. L.; SANTANA, S. M. Dependência de jogos eletrônicos: a possibilidade de um novo diagnóstico psiquiátrico. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v.39, n.1, p.28-33, 2012.
- LJEPAVA, N.; ORR, R. R.; LOCKE, S.; ROSS, C. Personality and social characteristics of Facebook non-users and frequent users. **Computers in Human Behavior**, v.29, n.4, p.1602-1607, 2013.
- LOREDO E SILVA, M. P.; MATOS, B. D. S.; EZEQUIEL, O. S.; LUCCHETTI, A. L. G.; LUCCHETTI, G. The Use of Smartphones in Different Phases of Medical School and its Relationship to Internet Addiction and Learning Approaches. **Journal of Medical Systems**, v.42, n.106, p.1-8, 2018.
- MALIK, S.; KHAN, M. Impact of facebook addiction on narcissistic behavior and self-esteem among students. **Journal of Pakistan Medical Association**, v.65, n.3, p.260-263, 2015.
- MENDES, E. D.; VIANA, T. C.; BARA, O. Melancolia e depressão: um estudo psicanalítico. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.30, n.4, p.423-431, 2014.
- NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Quem disse que é proibido ter prazer online? Identificando o positivo no quadro de mudanças atual. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v.22, n.2, p.12-21, 2002.
- ODACI, H.; ÇELIK, Ç. B. Who are problematic internet users? An investigation of the correlations between problematic internet use and shyness, loneliness, narcissism, aggression and self-perception. **Computers in Human Behavior**, v.29, n.6, p.2382-2387, 2013.
- OLIVEIRA, M. Reflexos de Narciso: traços do arquétipo mítico-psicanalítico nos selfies. **C-Legenda - Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual**, n.32, p.83-94, 2015.
- PADOVAN, C. As origens médico-psiquiátricas do conceito psicanalítico do narcisismo. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v.20, n.3, p.634-644, 2017.
- RASKIN, R. N.; HALL, C. S. A Narcissistic Personality Inventory. **Psychological Reports**, v.45, n.2, p.590-590, 1979.
- RASKIN, R.; TERRY, H. A principal-components analysis of the Narcissistic Personality Inventory and further evidence of its construct validity. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.54, n.5, p.890-902, 1988.

- ROSA, G. A. M.; SANTOS, B. R. Repercussões das redes sociais na subjetividade de usuários: uma revisão crítica da literatura. **Temas em Psicologia**, v.23, n.4, p.913-927, 2015.
- ROSA, G. A. M.; SANTOS, B. R. Repercussões das redes sociais na subjetividade: narcisismo, felicidade e elaboração psíquica. **Psicologia em Estudo**, v.20, n.2, p.285-294, 2015.
- RYAN, T.; XENOS, S. Who uses Facebook? An investigation into the relationship between the Big Five, shyness, narcissism, loneliness, and Facebook usage. **Computers in Human Behavior**, v.27, p.1658-1664, 2011.
- SILVA, H. R. S.; ARECO, K. C. N.; BANDIERA-PAIVA, P.; GALVÃO, P. V. M.; GARCIA, A. N. M.; SILVEIRA, D. X. Avaliação da equivalência semântica da versão em português (Brasil) da *Online Cognition Scale*. **Cadernos de Saúde Pública**, v.30, n.6, p.1327-1334, 2014.
- SUZUKI, F. T. I.; MATIAS, M. V.; SILVA, M. T. A.; OLIVEIRA, M. P. M. T. O uso de videogames, jogos de computador e internet por uma amostra de universitários da Universidade de São Paulo. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v.58, n.3, p.162-168, 2009.
- TERRES-TRINDADE, M.; MOSMANN, C. P. Conflitos Familiares e Práticas Educativas Parentais como Preditores de Dependência de Internet. **Psico-USF**, v.21, n.3, p.623-633, 2016.
- TERROSO, L. B.; ARGIMON, I. I. L. Dependência de internet e habilidades sociais em adolescentes. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v.16, n.1, p.200-219, 2016.
- WANDERLEY, A. A. R. Narcisismo contemporâneo: uma abordagem laschiana. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v.9, n.2, p.31-47, 1999.
- WIDYANTO, L.; MCMURREN, M. The psychometric properties of the Internet Addiction Test. **CyberPsychology & Behavior**, v.7, n.4, p.445-453, 2004.
- YOUNG, K. S. Avaliação clínica de clientes dependentes de internet. In: YOUNG, K. S.; ABREU, C. N. (Orgs.). **Dependência de internet: manual e guia de avaliação e tratamento**. Tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, p.36-54, 2011.
- YOUNG, K. S. **Caught in the Net: How to Recognize the Signs of Internet Addiction and a Winning Strategy for Recovery**. New York: John Wiley & Sons, 1998.
- YOUNG, K. S. Internet Addiction: The Emergence of a New Clinical Disorder. **CyberPsychology & Behavior**, v.1, n.3, p.237-244, 1998.
- YOUNG, K. S. Internet Addiction: A New Clinical Phenomenon and Its Consequences. **American Behavioral Scientist**, v.48, n.4, p.402-415, 2004.

ANEXOS

Anexo A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: **“Características narcísicas da personalidade e o uso de internet: um estudo descritivo”**

Nome da Pesquisadora: Fernanda Marques Resende

Nome do Orientador: Prof. Dr. Érico Bruno Viana Campos

1. **Natureza da pesquisa:** o sr.(sra.)_____ está sendo convidado(a) a participar desta pesquisa que tem como finalidade **investigar a indicação de relação entre características da personalidade e o uso de internet.**
2. **Participantes da pesquisa:** pesquisadora e estudantes universitários de uma universidade pública do interior paulista. Em torno de 60 participantes.
3. **Envolvimento na pesquisa:** ao participar deste estudo o sr.(sra.) permitirá que a pesquisadora possa atingir os objetivos do projeto. O sr.(sra.) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone (14) 98195-1335 da pesquisadora do projeto.
4. **Sobre as atividades:** serão aplicados três questionários, a fim de obter informações sociodemográficas e medir características de personalidade e sobre o uso de internet de cada participante.
5. **Riscos e desconforto:** a participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.
6. **Confidencialidade:** todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente a pesquisadora e seu orientador terão conhecimento de sua identidade e se comprometem a mantê-la em sigilo ao publicar os resultados dessa pesquisa.
7. **Benefícios:** ao participar desta pesquisa o sr.(sra.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo possa fornecer subsídios para a prática clínica em

Psicologia, além de um bom levantamento de dados para futuros estudos da área à qual pertence a pesquisadora.

8. **Pagamento:** o sr.(sra.) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem: Confiro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida,
manifesto meu consentimento em participar da pesquisa.

Nome do(a) Participante da Pesquisa

Assinatura do(a) Participante da Pesquisa

Assinatura da Pesquisadora

Pesquisadora: FERNANDA MARQUES RESENDE, e-mail: fermarquesr@hotmail.com

Orientador: ÉRICO BRUNO VIANA CAMPOS, email: ebcampos@fc.unesp.br, tel: (14) 3103-6087.

Comitê de Ética em Pesquisa:

Coordenador: Prof. Dr. Alessandro Moura Zagato

Fone: (14) 3103-6075 - Seção Técnica Acadêmica

E-mail: cepesquisa@fc.unesp.br

APÊNDICES

Apêndice A

Questionário Sociodemográfico

1. Nome:		
2. Sexo:	3. Idade:	4. Telefone/celular:
☐ Masculino ☐ Feminino	5. E-mail:	
6. Estado civil: ☐ Solteiro(a) ☐ Casado(a) ☐ Viúvo(a) ☐ Separado(a)		7. Cor/etnia: ☐ Branco(a) ☐ Negro(a) ☐ Pardo(a) ☐ Amarelo(a) ☐ Indígena
8. Escolaridade:		
*[☐ Já possuo uma graduação. Qual?		
9. Área do curso de graduação atual: ☐ Ciências Humanas ☐ Ciências Biológicas ☐ Ciências Exatas		
10. Ocupação:		
11. Religião: ☐ Católica ☐ Protestante ou Evangélica ☐ Espírita ☐ Umbanda ou Candomblé ☐ Sem religião ☐ Outra		

12. Composição familiar:

Grau de parentesco	Idade	Estado civil	Escolaridade	Ocupação

13. Quem mora com você?

- ☐ Moro sozinho(a)
☐ Pai e/ou mãe
☐ Irmão(s)
☐ Esposa/marido/companheiro(a)
☐ Filho(s)
☐ Amigo(s)/colega(s)
☐ Outro

14. Quantas pessoas moram com você? (incluindo você)

- ☐ Moro sozinho(a)
☐ 2 pessoas
☐ 3 pessoas
☐ 4 pessoas
☐ 5 pessoas
☐ Mais de 5 pessoas

15. Qual a renda mensal da sua família? (considere a renda de todos os integrantes da família, inclusive você)

- ☐ Até 2 salários mínimos.
☐ De 2 a 5 salários mínimos.
☐ De 5 a 10 salários mínimos.
☐ De 10 a 30 salários mínimos.
☐ Mais de 30 salários mínimos.
☐ Nenhuma renda.

16. Qual é a sua participação na vida econômica da sua família?

- ☐ Você não trabalha e seus custos são custeados.
☐ Você trabalha e é independente financeiramente.
☐ Você trabalha e não é independente financeiramente.
☐ Você trabalha e é responsável pelo sustento da família.

17. Qual atividade ocupa a maior parte do seu tempo livre? ☐ TV ☐ Teatro ☐ Cinema ☐ Música ☐ Bares ☐ Leitura ☐ Internet ☐ Esportes ☐ Religião ☐ Outra	18. Qual o meio que você mais utiliza para se manter informado(a)? ☐ Jornal escrito ☐ TV ☐ Rádio ☐ Revistas ☐ Internet ☐ Nenhum ☐ Outro
19. Qual tipo de aplicativo ocupa a maior parte do seu tempo conectado à internet? ☐ Aplicativos de comunicação (troca de mensagens ou rede social) ☐ Vídeos/filmes ☐ E-mail ☐ Navegador ☐ Mapas/GPS ☐ Bancos ☐ Jogos	20. Quantas vezes por dia você faz uso de aplicativos pela internet? ☐ Não uso todos os dias. ☐ Uma vez por dia. ☐ 2 a 5 vezes por dia. ☐ 5 a 10 vezes por dia. ☐ Mais de 10 vezes por dia.

Apêndice B

IAT

1: Com que frequência você acha que passa mais tempo na internet do que pretendia?

- | | | |
|------------------------------------|---|--|
| ☐ Raramente | ☐ Frequentemente | ☐ Sempre |
| ☐ Às vezes | ☐ Muito frequentemente | ☐ Não se aplica |

2: Com que frequência você abandona as tarefas domésticas para passar mais tempo na internet?

- | | | |
|------------------------------------|---|--|
| ☐ Raramente | ☐ Frequentemente | ☐ Sempre |
| ☐ Às vezes | ☐ Muito frequentemente | ☐ Não se aplica |

3: Com que frequência você prefere a emoção da internet à intimidade com seu/sua parceiro(a)?

- | | | |
|------------------------------------|---|--|
| ☐ Raramente | ☐ Frequentemente | ☐ Sempre |
| ☐ Às vezes | ☐ Muito frequentemente | ☐ Não se aplica |

4: Com que frequência você cria relacionamentos com novo(a)s amigo(a)s da internet?

- | | | |
|------------------------------------|---|--|
| ☐ Raramente | ☐ Frequentemente | ☐ Sempre |
| ☐ Às vezes | ☐ Muito frequentemente | ☐ Não se aplica |

5: Com que frequência outras pessoas em sua vida se queixam sobre a quantidade de tempo que você passa na internet?

- | | | |
|------------------------------------|---|--|
| ☐ Raramente | ☐ Frequentemente | ☐ Sempre |
| ☐ Às vezes | ☐ Muito frequentemente | ☐ Não se aplica |

6: Com que frequência suas notas ou tarefas da escola pioram por causa da quantidade de tempo que você fica na internet?

- | | | |
|------------------------------------|---|--|
| ☐ Raramente | ☐ Frequentemente | ☐ Sempre |
| ☐ Às vezes | ☐ Muito frequentemente | ☐ Não se aplica |

7: Com que frequência você acessa seu e-mail antes de qualquer outra coisa que precise fazer?

- | | | |
|------------------------------------|---|--|
| ☐ Raramente | ☐ Frequentemente | ☐ Sempre |
| ☐ Às vezes | ☐ Muito frequentemente | ☐ Não se aplica |

8: Com que frequência piora o seu desempenho ou produtividade no trabalho por causa da internet?

- | | | |
|------------------------------------|---|--|
| ☐ Raramente | ☐ Frequentemente | ☐ Sempre |
| ☐ Às vezes | ☐ Muito frequentemente | ☐ Não se aplica |

9: Com que frequência você fica na defensiva ou guarda segredo quando alguém lhe pergunta o que você faz na internet?

- | | | |
|------------------------------------|---|--|
| ☐ Raramente | ☐ Frequentemente | ☐ Sempre |
| ☐ Às vezes | ☐ Muito frequentemente | ☐ Não se aplica |

10: Com que frequência você bloqueia pensamentos perturbadores sobre sua vida pensando em se conectar para acalmar-se?

- | | | |
|------------------------------------|---|--|
| ☐ Raramente | ☐ Frequentemente | ☐ Sempre |
| ☐ Às vezes | ☐ Muito frequentemente | ☐ Não se aplica |

11: Com que frequência você se pega pensando em quando vai entrar na internet novamente?

- | | | |
|------------------------------------|---|--|
| ☐ Raramente | ☐ Frequentemente | ☐ Sempre |
| ☐ Às vezes | ☐ Muito frequentemente | ☐ Não se aplica |

12: Com que frequência você teme que a vida sem a internet seria chata, vazia e sem graça?

- | | | |
|------------------------------------|---|--|
| ☐ Raramente | ☐ Frequentemente | ☐ Sempre |
| ☐ Às vezes | ☐ Muito frequentemente | ☐ Não se aplica |

13: Com que frequência você explode, grita ou se irrita se alguém o(a) incomoda enquanto está na internet?

- | | | |
|------------------------------------|---|--|
| ☐ Raramente | ☐ Frequentemente | ☐ Sempre |
| ☐ Às vezes | ☐ Muito frequentemente | ☐ Não se aplica |

14: Com que frequência você dorme pouco por ficar conectado(a) até tarde da noite?

- | | | |
|------------------------------------|---|--|
| ☐ Raramente | ☐ Frequentemente | ☐ Sempre |
| ☐ Às vezes | ☐ Muito frequentemente | ☐ Não se aplica |

15: Com que frequência você se sente preocupado(a) com a internet quando está desconectado(a) imaginando que poderia estar conectado(a)?

- | | | |
|------------------------------------|---|--|
| ☐ Raramente | ☐ Frequentemente | ☐ Sempre |
| ☐ Às vezes | ☐ Muito frequentemente | ☐ Não se aplica |

16: Com que frequência você se pega dizendo “só mais alguns minutos” quando está conectado(a)?

- | | | |
|------------------------------------|---|--|
| ☐ Raramente | ☐ Frequentemente | ☐ Sempre |
| ☐ Às vezes | ☐ Muito frequentemente | ☐ Não se aplica |

17: Com que frequência você tenta diminuir o tempo que fica na internet e não consegue?

- | | | |
|------------------------------------|---|--|
| ☐ Raramente | ☐ Frequentemente | ☐ Sempre |
| ☐ Às vezes | ☐ Muito frequentemente | ☐ Não se aplica |

18: Com que frequência você tenta esconder a quantidade de tempo em que está na internet?

- | | | |
|------------------------------------|---|--|
| ☐ Raramente | ☐ Frequentemente | ☐ Sempre |
| ☐ Às vezes | ☐ Muito frequentemente | ☐ Não se aplica |

19: Com que frequência você opta por passar mais tempo na internet em vez de sair com outras pessoas?

- | | | |
|------------------------------------|---|--|
| ☐ Raramente | ☐ Frequentemente | ☐ Sempre |
| ☐ Às vezes | ☐ Muito frequentemente | ☐ Não se aplica |

20: Com que frequência você se sente deprimido(a), mal-humorado(a) ou nervoso(a) quando desconectado(a) e esse sentimento vai embora assim que volta a se conectar à internet?

- | | | |
|------------------------------------|---|--|
| ☐ Raramente | ☐ Frequentemente | ☐ Sempre |
| ☐ Às vezes | ☐ Muito frequentemente | ☐ Não se aplica |

Apêndice C

NPI-16

Leia cada par de afirmações abaixo e marque um “x” naquela que mais se aproxima à descrição dos seus sentimentos e crenças sobre você. Você pode considerar que nenhuma das duas afirmações o(a) descrevem bem, mas escolha aquela que você considera mais próxima.

Favor responder a todos os pares.

1. () Eu realmente gosto de ser o centro das atenções.
() Ser o centro das atenções me deixa desconfortável.
2. () Eu não sou melhor nem pior do que a maioria das pessoas.
() Eu acho que sou uma pessoa especial.
3. () Todos gostam de ouvir minhas histórias.
() Às vezes eu conto boas histórias.
4. () Eu costumo receber o respeito que eu mereço.
() Eu insisto em receber o respeito que me é devido.
5. () Eu não me importo em seguir ordens.
() Eu gosto de ter autoridade sobre as pessoas.
6. () Eu serei uma ótima pessoa.
() Eu espero que eu seja bem sucedido(a).
7. () As pessoas às vezes acreditam nas coisas que eu lhes digo.
() Eu consigo fazer qualquer pessoa acreditar em qualquer coisa que eu queira.
8. () Eu espero muito de outras pessoas.
() Eu gosto de fazer coisas para outras pessoas.
9. () Eu gosto de ser o centro das atenções.
() Eu prefiro me misturar com a multidão.
10. () Eu sou como todos os outros.
() Eu sou uma pessoa extraordinária.
11. () Eu sempre sei o que estou fazendo.
() Às vezes eu não tenho certeza do que estou fazendo.
12. () Eu não gosto quando percebo que estou manipulando as pessoas.
() Eu acho que é fácil manipular as pessoas.
13. () Ser uma autoridade não significa muito para mim.
() As pessoas sempre parecem reconhecer minha autoridade.
14. () Eu sei que sou bom/boa porque todos continuam me dizendo isso.
() Quando as pessoas me elogiam, às vezes fico com vergonha.

15. () Eu tento não me mostrar.
() Eu estou apto(a) a me mostrar se tenho a chance.
16. () Eu sou mais capaz do que as outras pessoas.
() Há muito o que eu posso aprender com outras pessoas.